



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO E CONTROLE
DA SEGURANÇA PÚBLICA**



**LETALIDADE E MORBIDADE ENTRE POLICIAIS DE SERVIÇO NO
CPC NO PERÍODO DE 2000 a 2004**

CURITIBA

2004

Cap. QOPM PÉRICLES DE MATOS

**LETALIDADE E MORBIDADE ENTRE POLICIAIS DE SERVIÇO NO
CPC NO PERÍODO DE 2000 a 2004**

**Monografia apresentada por exigência curricular
do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais em
Convênio com a Universidade Federal do Paraná,
para obtenção do Título de Especialista em
Planejamento e Controle da Segurança Pública.**

**Orientador Metodológico
Professor Márcio Sergio B. S. de Oliveira**

**Orientador de Conteúdo
Cel QOPM Itamar dos Santos.**

**CURITIBA
2004**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos policiais-militares operacionais que todo dia entram na arena.

“Ave Cezar, morituri salut est”

*“A árvore da liberdade necessita ser regada
de tempos em tempos com o sangue dos
heróis”*

(Thomas Jeferson)

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	vi
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	ix
RESUMO	x
1 INTRODUÇÃO	1
2 DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO E TEÓRICO	3
3 PANORAMA DA AGRESSÃO A POLICIAIS NO BRASIL - VISÃO MACRO	5
4 A AMBIÊNCIA DA INFORTUNÍSTICA POLICIAL NO COMANDO DO POLICIAMENTO DA CAPITAL	7
4.1 ESTUDO DOS CASOS DE POLICIAIS MORTOS EM SERVIÇO NO CPC – SÍNTESE	9
4.1.1 O Policial.....	9
4.1.2 O Agressor.....	18
4.1.3 O cenário	20
4.1.4 A Arma.....	21
4.1.5 O Tempo.....	23
4.2 ESTUDO DOS CASOS DE POLICIAIS FERIDOS EM SERVIÇO NO CPC - SÍNTESE	25
4.2.1 O Policial.....	25
5 O ESTUDO DE CASOS FORNECIDOS PELO BANCO DE DADOS DO DEPARTAMENTO DE SOBREVIVÊNCIA POLICIAL DA ACADEMIA POLICIAL-MILITAR DO GUATUPÊ. AMBIÊNCIA POLICIAMENTO DO INTERIOR	35
5.1 ESTUDO SOBRE LETALIDADE EM POLICIAL-MILITAR DE SERVIÇO NO CPI, DADOS FORNECIDOS PELO DEPARTAMENTO DE TÉCNICA POLICIAL DA APMG	35
5.1.1 O Policial.....	35
5.1.2 O Agressor.....	36
5.1.3 O Cenário Operacional	36
5.1.4 A Arma.....	37
5.1.5 O Tempo.....	37

5.1.6 Conclusões Sobre Letalidade em Policial-Militar de Serviço no CPI, Dados Fornecidos Pelo Departamento De Técnica Policial da APMG.....	37
5.2 ESTUDO SOBRE MORBIDADE EM POLICIAL-MILITAR DE SERVIÇO NO CPI, DADOS EXTRAÍDOS DE CASOS FORNECIDOS PELO DEPARTAMENTO DE TÉCNICA POLICIAL DA APMG	37
5.2.1 O Policial.....	37
5.2.2 O Cenário	44
5.2.3 O Agressor.....	44
5.2.4 A Arma.....	46
5.2.5 O Tempo.....	46
6 “CAUSA MORTIS” DE POLICIAIS MORTOS EM SERVIÇO NO CPC	50
7 CAUSA DE FERIMENTO ENTRE POLICIAIS EM SERVIÇO NO CPC	51
8 INFORMAÇÕES SECUNDÁRIAS PRODUZIDAS	52
8.1 O POLICIAL MORTO EM SERVIÇO	52
8.2 O POLICIAL FERIDO EM SERVIÇO.....	52
9 MECANISMOS DE PREVENÇÃO E REAÇÃO AOS ELEMENTOS AGRESSORES PARA APLICAÇÃO INSTITUCIONAL	54
9.1 PROPOSTA PARA A ÁREA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL	55
9.2 PROPOSTA PARA A ÁREA OPERACIONAL	56
10 PROPOSTAS E SUGESTÕES PARA A REDUÇÃO DAS CONDUTAS DE RISCO NO PATRULHAMENTO OPERACIONAL NA ÁREA DE RESPONSABILIDADE DO CPC	57
11 CONCLUSÃO.....	58
GLOSSÁRIO	60
REFERÊNCIAS	62
ANEXOS.....	63
ANEXO 1 - TABELA DE TEMAS	64
ANEXO 2 - MATÉRIA SOBRE OODA.....	70
ANEXO 3 - PLAMA SOBREVIVÊNCIA POLICIAL.....	75

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - TOTAL DE POLICIAIS MORTOS POR ESTADO, SERVIÇO E FOLGA	5
GRÁFICO 2 - TOTAL DE POLICIAIS MORTOS NO BRASIL. PERÍODO DE JANEIRO A JULHO	6
GRÁFICO 3 - PROCESSOS ADMINISTRATIVOS DE PM MORTOS	7
GRÁFICO 4 - PROCESSOS ADMINISTRATIVOS DE PM FERIDOS	8
GRÁFICO 5 - POLICIAIS MORTOS POR OPM	8
GRÁFICO 6 - POLICIAIS FERIDOS POR OPM	8
GRÁFICO 7 - NÚMERO DE OCORRÊNCIAS POR OPM	9
GRÁFICO 8 - IDADE DO POLICIAL – PM MORTO	10
GRÁFICO 9 - GRAU HIERÁRQUICO DO POLICIAL – PM MORTO	10
GRÁFICO 10 - TEMPO DE SERVIÇO DO POLICIAL- PM MORTO	11
GRÁFICO 11 - PROCESSO DE POLICIAMENTO – PM MORTO	11
GRÁFICO 12 - TRABALHO EM EQUIPE – PM MORTO	12
GRÁFICO 13 - QUANTO AO USO DO COLETE PELO POLICIAL – PM MORTO ..	12
GRÁFICO 14 - QUANTO AO USO DA ARMA DE FOGO EM DEFESA – PM MORTO	13
GRÁFICO 15 - LOCALIZAÇÃO DOS FERIMENTOS NO CORPO DO POLICIAL – PM MORTO	14
GRÁFICO 16 - QUANTO À ARMA PRIMÁRIA USADA PELO POLICIAL – PM MORTO	15
GRÁFICO 17 - QUANTO À PARTICIPAÇÃO EM INSTRUÇÃO PROGRAMADA – PM MORTO	15
GRÁFICO 18 - EMPREGO GRADATIVO DE FORÇA PELO PM MORTO	17
GRÁFICO 19 - RELAÇÃO ENTRE POPULAÇÃO E POLICIAL-MILITAR	18
GRÁFICO 20 - FAIXA ETÁRIA DO AGRESSOR – PM MORTO	19
GRÁFICO 21 - EXISTÊNCIA DE HISTÓRICO CRIMINAL PELO AGRESSOR – PM MORTO	19
GRÁFICO 22 - USO DE NARCÓTICOS PELO AGRESSOR – PM MORTO	20
GRÁFICO 23 - LOCAL DA OCORRÊNCIA: URBANO/RURAL – PM MORTO	20

GRÁFICO 24 - NATUREZA DA OCORRÊNCIA REPASSADA PELO COPOM – PM MORTO.....	21
GRÁFICO 25 - DISTÂNCIA ENTRE POLICIAL E AGRESSOR – PM MORTO.....	21
GRÁFICO 26 - TIPO DE ARMA EMPREGADA CONTRA POLICIAL – PM MORTO.....	22
GRÁFICO 27 - QUANTIDADE DE DISPAROS FEITOS PELO AGRESSOR – PM MORTO	22
GRÁFICO 28 - QUANTO AO TIPO DE MUNIÇÃO UTILIZADA PELO AGRESSOR – PM MORTO.....	23
GRÁFICO 29 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR ANO – PM MORTO.....	23
GRÁFICO 30 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR MÊS – PM MORTO.....	24
GRÁFICO 31 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR DIA DA SEMANA – PM MORTO	24
GRÁFICO 32 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR HORÁRIO – PM MORTO.....	25
GRÁFICO 33 - NATUREZA DA OCORRÊNCIA REPASSADA PELO COPOM – PM FERIDO	26
GRÁFICO 34 - TRABALHO EM EQUIPE – PM FERIDO	26
GRÁFICO 35 - QUANTO AO USO DO COLETE PELO POLICIAL – PM FERIDO ..	27
GRÁFICO 36 - QUANTO AO USO DA ARMA DE FOGO PELO PM FERIDO	28
GRÁFICO 37 - LOCALIZAÇÃO DOS FERIMENTOS NO CORPO DO PM FERIDO ..	28
GRÁFICO 38 - QUANTO À ARMA PRIMÁRIA UTILIZADA PELO PM FERIDO	29
GRÁFICO 39 - QUANTO A PARTICIPAÇÃO EM INSTRUÇÃO PROGRAMADA – PM FERIDO	30
GRÁFICO 40 -EMPREGO GRADATIVO DE FORÇA PELO PM FERIDO	30
GRÁFICO 41 - TIPO DE POLICIAMENTO - PM FERIDO	38
GRÁFICO 42 - NATUREZA DA OCORRÊNCIA REPASSADA PELO COPOM – PM FERIDO	39
GRÁFICO 43 - QUANTO AO USO DO COLETE – PM FERIDO.....	39
GRÁFICO 44 - QUANTO AO USO DA ARMA DE FOGO PELO PM FERIDO	40
GRÁFICO 45 - QUANTO À LOCALIZAÇÃO DOS FERIMENTOS NO CORPO DO PM – PM FERIDO	40
GRÁFICO 46 - QUANTO À ARMA PRINCIPAL USADA PELO PM – PM FERIDO ..	42
GRÁFICO 47 - QUANTO À ARMA SECUNDÁRIA UTILIZADA PELO PM – PM FERIDO.....	42

GRÁFICO 48 - QUANTO À PARTICIPAÇÃO EM INSTRUÇÃO PROGRAMADA – PM FERIDO	43
GRÁFICO 49 - QUANTO AO EMPREGO GRADATIVO DA FORÇA – PM FERIDO	43
GRÁFICO 50 - QUANTO À CONDIÇÃO DO SUSPEITO - PM FERIDO	44
GRÁFICO 51 - QUANTO AOS SINAIS DE COMPORTAMENTO VIOLENTO – PM FERIDO	45
GRÁFICO 52 - EXISTÊNCIA DE HISTÓRICO CRIMINAL PELO AGRESSOR – PM FERIDO	45
GRÁFICO 53 - TIPO DE ARMA EMPREGADA PELO AGRESSOR – PM FERIDO	46
GRÁFICO 54 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR ANO – PM FERIDO	47
GRÁFICO 55 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR MÊS – PM FERIDO	47
GRÁFICO 56 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR DIA – PM FERIDO	48
GRÁFICO 57 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR HORÁRIO – PM FERIDO	48
GRÁFICO 58 - LAPSO TEMPORAL DO EMBATE – PM FERIDO	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APMG - Academia Policial-militar do Guatupê
BPM - Batalhão de Polícia Militar
BPGd - Batalhão de Polícia de Guarda
BPTran - Batalhão de Polícia de Trânsito
Cia P Chq - Companhia de Polícia de Choque
CMDO - Comando
CPC - Comando do Policiamento da Capital
CPI - Comando do Policiamento do Interior
COPOM - Centro de Operações Policiais-militares
EUA - Estados Unidos da América
EPI - Equipamento de Proteção Individual
FBI - Federal Bureau of Investigation
OPM - Organização Policial-militar
OODA - Observar, Orientar, Decidir e Agir
PM - Polícia Militar ou Policial-militar
PMPR - Polícia Militar do Paraná
Pst - Pistola
Sd - Soldado
Sgt - Sargento
SJD - Seção de Justiça e Disciplina
Excel - Planilha eletrônica
ROTAM - Rondas Ostensivas Metropolitanas
RR - Reserva Remunerada
Rv - Revólver
SENASP - Secretaria Nacional de Segurança Pública
S&W - Smith and Wesson
VTR - Viatura

RESUMO

O presente estudo monográfico busca trazer ao conhecimento da comunidade acadêmica e policial-militar os fundamentos da infortunística policial: causas, vítima, perpetrador, arma e cenário operacional. Busca também apontar a “causa mortis” vinculada à conduta de risco do policial operacional. Para tanto, lançou mão o autor dos recursos da coleta de processos administrativos sobre morte ou ferimento de policiais-militares de serviço no Comando do Policiamento da Capital no período de 2000 à 2004. Juntados os processos, procedeu-se a ficha de leitura de cada um deles e lavratura da tabela de temas referente a cada caso. De posse das tabelas de temas, lançaram-se as informações em banco de dados e produziu-se a estatística que ilustra o trabalho em exposição. À estatística, somou-se o conhecimento da bibliografia de referência e buscou-se outra casuística dentro da PMPR, desta vez no Comando do Policiamento do Interior, para cruzamento das informações. Da síntese, sugestões para se evitar ou reduzir comportamentos de risco na esfera operacional e prevenção pela mudança das unidades didáticas referentes à Sobrevivência Policial na formação da autoridade de polícia.

Palavras-chave: policial morto em serviço; sobrevivência policial, técnica policial; infortunística policial.

1 INTRODUÇÃO

A morte de policiais-militares em serviço tornou-se comum na rotina das grandes cidades. Para o cidadão, representa uma notícia que após alguns minutos é esquecida. Para o agressor, torna-se um sinal de reconhecimento e elevação no seu grupo social marginal. Para a família, o espaço-silêncio. Espaço porque este policial-militar morto é filho, marido ou pai de alguém, portanto, insubstituível. Para o sistema, frio e calculista, o custo pela formação, salários e indenizações.

Tem-se assistido com real temor o aumento dos casos de policiais vitimados por agressões armadas e desarmadas. Tal é a proporção, que este ano foi solicitada a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para se tentar reduzir este verdadeiro massacre.

Cada policial morto ou ferido gera no mundo do Direito, um processo administrativo e judicial que aponta autoria e busca o apenamento através da sentença. Observa-se as pilhas de inquéritos, processos e sindicâncias com o mesmo objeto, avolumarem-se nas Seções de Justiça e Disciplina dos Batalhões Policiais-militares.

Já reconhecíamos o valor das informações contidas nesses processos, todavia, nos faltava a tecnologia da produção do conhecimento para poder acessá-las, produzir dados, informação e conhecimento.

Munidos do conhecimento teórico, partimos para o desafio de estabelecer a corrente teórico-metodológica para processar os dados. Com os recursos fornecidos pela matéria de Metodologia, começamos a organizar nosso trabalho inicial. Delimitamos uma área geográfica, um lapso temporal e atores sociais de um teatro de operações policiais.

Para ampliar o horizonte de pesquisa, buscamos um orientador de conteúdo que dominasse o assunto e fornecesse a bússola para a navegação no oceano desse conhecimento.

O Projeto Monográfico foi reconhecido tanto pelo orientador metodológico quanto pelo orientador de conteúdo com alterações. Passou-se, então, à produção da estatística uma vez aplicada à tabela de temas. Somou-se a isso o conhecimento da Doutrina Policial Internacional, Nacional, Medicina Legal, Técnica de Investigação

de Crimes e Reconstituição Visuográfica de Local de Crime. Valemo-nos também das informações das matérias de tiro policial, técnica e táticas policiais e metodologia científica para harmonizar o conhecimento.

O resultado mostrou-se satisfatório, embora ácido. Mostrou que tanto o policial quanto a hiperestrutura na qual está inserido colaboram para a vitimização desta classe policial.

Identificada a problemática, munidos do conhecimento doutrinário policial-militar e conhecimentos satélites, logrou-se êxito em apontar formas corretivas para o comportamento de risco. Nossa proposta é de ser o primeiro passo ou estágio para que outros que vierem por esta trilha de conhecimento, possam lançar mão de objetivos maiores, com um bom supedâneo teórico-prático.

Não podemos deixar que tantas vidas ceifadas no combate ao crime tenham tombado mudas, sem erguer o brado do seu sacrifício em alerta aos seus irmãos em armas que ficaram.

2 DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO E TEÓRICO

Através de correspondência oficial, solicitamos às OPM já citadas que nos abrissem suas Seções de Justiça e Disciplina e nos franqueassem Inquéritos Policiais-militares e Processos Administrativos (Sindicâncias) cujo objeto era a infortunistica policial. Chamar-se-á infortunistica policial posto que a Medicina Legal, classifica o conhecimento sobre os acidentes de trabalho e doença profissionais como infortunistica. Os processos foram juntados por OPM de origem e divididos em processos sobre policiais-militares mortos e processos sobre policiais-militares feridos e centralizados para estudo. Após a leitura atenta de cada um dos processos administrativos encaminhados, foi sintetizado o conteúdo em ficha de leitura. Na seqüência, sob orientação, produziu-se a Tabela de Temas (ANEXO 1) para a análise de documentos. Estabelecemos duas tabelas de temas: uma para policiais mortos ou feridos em confrontos armados e outra para policiais mortos ou feridos em acidentes de trânsito, posto que em observação preliminar, detectamos a contribuição elevada dos acidentes para a lesão ou morte de policiais. Fase seguinte, aplicamos a tabela de temas em cada caso, sendo que os processos administrativos forneciam a maioria das informações buscadas. Todavia, quando uma informação era negada pelos autos, recorriamos ao contato com os participantes da ocorrência policial, os quais completavam o mosaico de dados.

Ao conjunto de tabelas de temas, aplicamos o método estatístico e concomitantemente lançávamos os dados obtidos em um Banco de Dados. Com a conclusão da tabulação e geração dos gráficos pelo programa EXCEL, produzimos o primeiro referencial para a interpretação dos resultados e norteador da corrente teórico-metodológica.

Com relação ao universo teórico, consultamos a bibliografia nacional sobre o assunto, que se mostrou insipiente, limitando-se mais a técnicas de combate armado e uso de proteções balísticas. O Sr. Cel RR Iranil dos Santos, que foi o idealizador do DEPARTAMENTO DE SOBREVIVÊNCIA POLICIAL, comentou que não existe pesquisa conhecida sobre o assunto no BRASIL, e que a primeira tabulação sobre o fenômeno começou a ser feita no DEPARTAMENTO DE SOBREVIVÊNCIA POLICIAL a partir de casos enviados pelas OPMs. A PMPR, através da 2ª

Seção/EM, monitora os números mas não produz conhecimento sobre o fenômeno (causa e efeito). A tabulação desenvolvida pela 2ª. Seção do Estado-Maior inicia-se no ano de 2002. A Diretoria de Pessoal da PMPR monitora o número de policiais mortos posto que é destino final para arquivo e distribuição dos processos administrativos gerados sobre os temas.

Com relação ao conhecimento periférico ou satélite, buscamos na bibliografia internacional, principalmente na Norte-Americana, referência a dados tabulados sobre a infortunística policial, porém se limitavam às causas da morte de policiais norte - americanos. Estas informações estão à disposição na página do *Federal Bureau of Investigation* - FBI, no sítio www.fbi.org.com. Neste sítio, a polícia federal americana controla todos os policiais mortos nos estados, cidades e condados. Sua informação resume-se apenas nas causas de morte, não discorrendo ou aprofundando o assunto. Na doutrina policial, prestou-se, todavia, a literatura internacional, no texto "*Mind-Set of a Survivor*", da Revista *Combat Handguns*, September 2001, a fornecer os elementos necessários à preparação mental do policial, chamado de processo OODA: observar, orientar, decidir e agir, detalhado no ANEXO II. Somando-se ao mesmo assunto, o texto "*Living in Condition Yellow*" da Revista *Combat Handguns*, June 1996, também explora a preparação mental do policial e defende a aplicação dos protocolos no serviço de polícia.

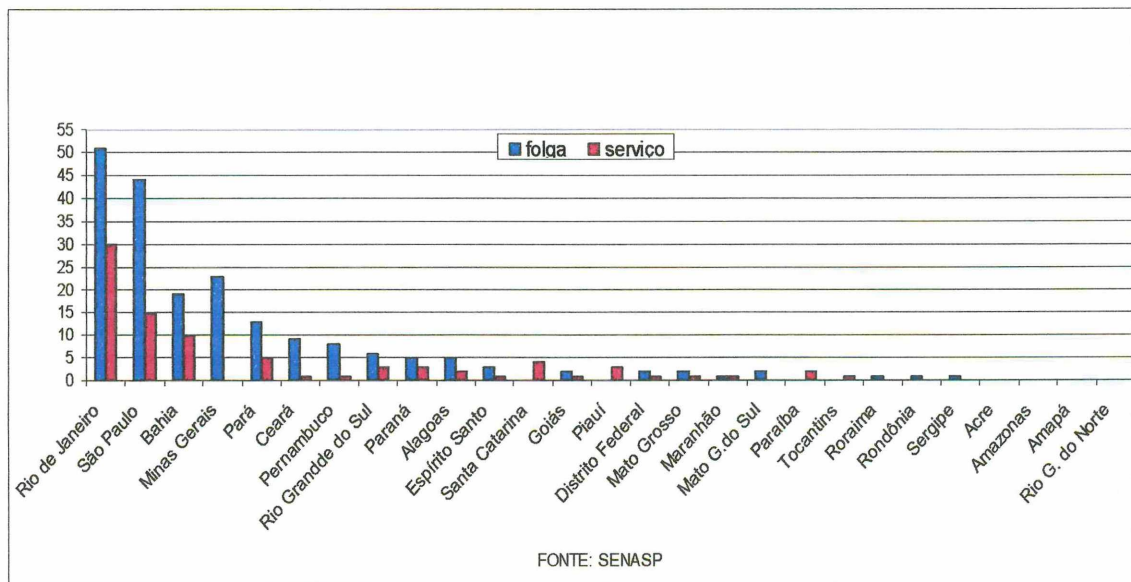
Nesta primeira abordagem, levaremos seqüencialmente as informações obtidas sobre as circunstâncias para ambos os resultados, primeiro o resultado da estatística sobre policiais mortos, na seqüência o conhecimento obtido para o fenômeno de ferimentos em policiais de serviço.

Para realizar este trabalho, dividi-lo em nove capítulos que exploram as circunstâncias da morte ou do ferimento do policial da Capital. Estuda morte e ferimento do policial do interior do Estado, compara estas duas correntes e sintetiza o conhecimento. Em capítulo seguinte apresenta propostas que podem colaborar com a redução da infortunística policial.

3 PANORAMA DA AGRESSÃO A POLICIAIS NO BRASIL- VISÃO MACRO

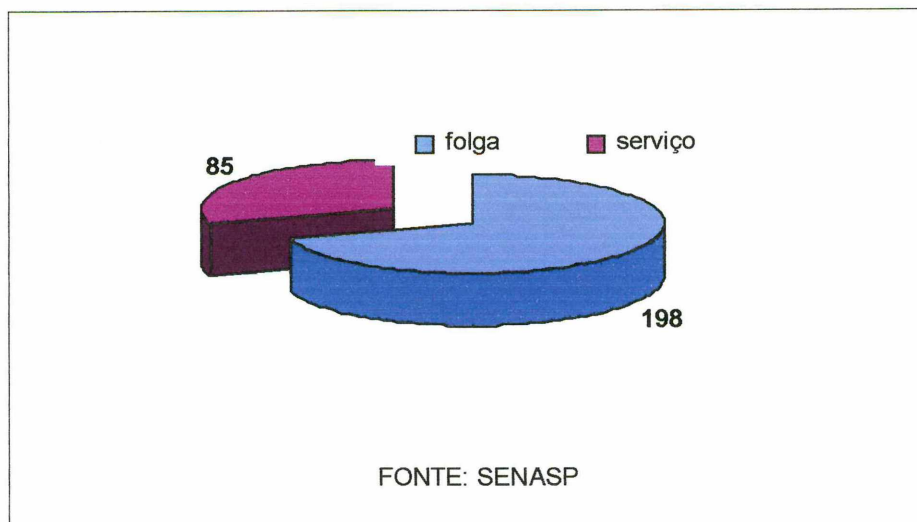
A atividade operacional da PMPR ao raiar do novo milênio, começou a indicar uma acentuada alteração nos índices de agressões armadas contra policiais-militares de serviço. A rotina de “*law enforcement*” após a gênese do estado moderno, democrático e de direito, acusou como exceção o comportamento violento do cidadão quando confrontado com o poder de polícia do Estado. O sistema policial brasileiro apresenta alguns Estados federados como emergentes quanto ao ambiente hostil ao patrulhamento policial. Os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, pela sua gênese criminológica potencializada pelo narcotráfico e rebeliões em presídios, contribuem com 80% dos casos de policiais mortos.

GRÁFICO 1 - TOTAL DE POLICIAIS MORTOS POR ESTADO, SERVIÇO E FOLGA



FONTE: SENASP

GRÁFICO 2 - TOTAL DE POLICIAIS MORTOS NO BRASIL. PERÍODO DE JANEIRO A JULHO



Ao recrudescer as ocorrências policiais, aumentam-se os casos de policiais feridos ou mortos na linha de combate ao crime. O crime organizado tem fornecido sua parcela de colaboração, para que o cenário urbano torne-se agressivo através do aporte de armas de fogo de calibres militares e treinamento militar/policial para os prepostos do crime. Do outro lado da linha que divide o crime da Lei, o aparato policial não acordou para o estudo aprofundado da fenomenologia, tão envolvido que está em tentar controlar o crime. Esta postura faz com que os policiais brasileiros busquem táticas e técnicas de autodefesa em escolas particulares de treinamento, fugindo assim da instrução padronizada. Durante nosso estudo, plotamos mais de dez escolas particulares de treinamento, sendo que oito ofereciam cursos de Sobrevivência Policial e Táticas para Confrontos Armados.

4 A AMBIÊNCIA DA INFORTUNÍSTICA POLICIAL NO COMANDO DO POLICIAMENTO DA CAPITAL

Este trabalho de pesquisa desenvolveu-se em Curitiba, Estado do Paraná, e foram levados em conta os dados operacionais extraídos da infortunística policial no Comando do Policiamento da Capital (CPC), que abrange cinco batalhões operacionais: 12º BPM, 13º BPM, 17º BPM, RPMon, BPTran e Cia P Chq. A seleção deste ambiente deu-se pela maior incidência de casos de policiais mortos ou feridos e também pela área de transição entre o urbano e rural. Curitiba e Região Metropolitana pela sua mancha urbana, oferecem o ambiente urbano pelas OPMs que operam no centro e nos bairros curitibanos. O 17º BPM fornece o ambiente rural onde as quadrilhas aproveitam a cobertura vegetal e menor densidade policial para perpetrar suas ações.

O período de tempo escolhido entre 2000 a 2004, deu-se pelos seguintes fatos: os processos ainda permanecem nas SJDs, ainda não lançados no arquivo morto; este período é quando o índice de policiais mortos começa a se elevar; os processos foram feitos com o auxílio da informática, gerando uma melhor produção probatória.

GRÁFICO 3 - PROCESSOS ADMINISTRATIVOS DE PM MORTOS

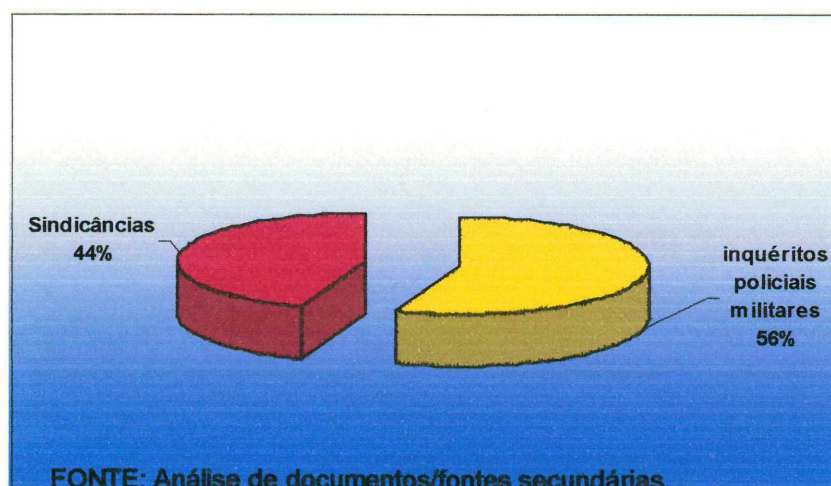


GRÁFICO 4 - PROCESSOS ADMINISTRATIVOS DE PM FERIDOS

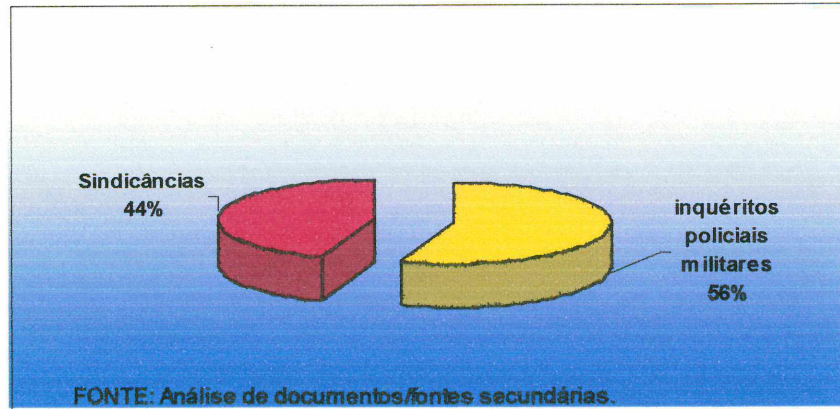


GRÁFICO 5 - POLICIAIS MORTOS POR OPM

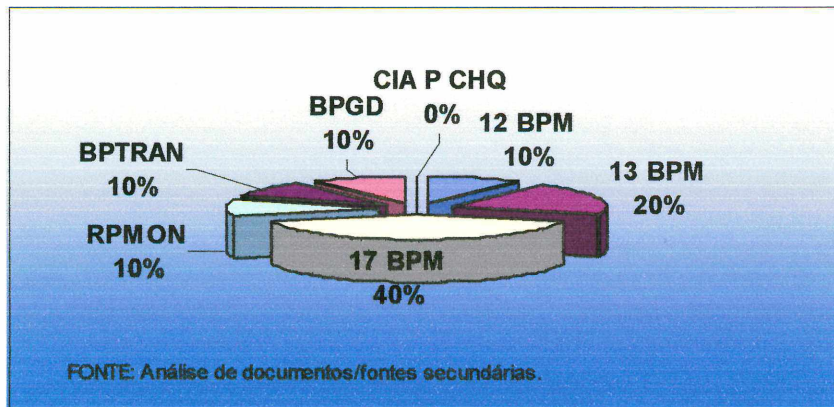


GRÁFICO 6 - POLICIAIS FERIDOS POR OPM

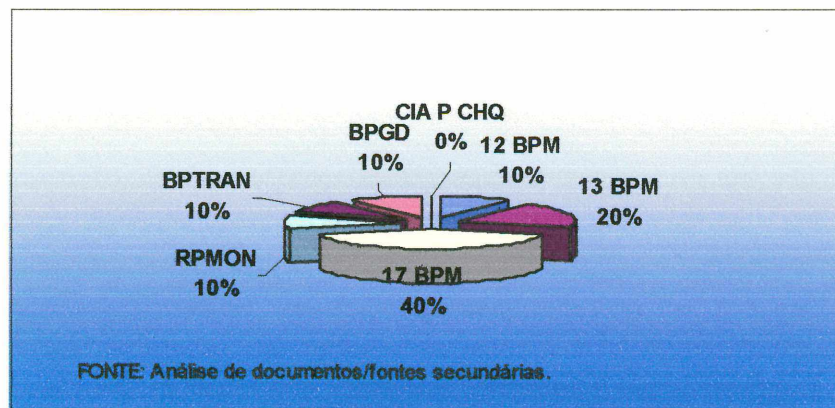
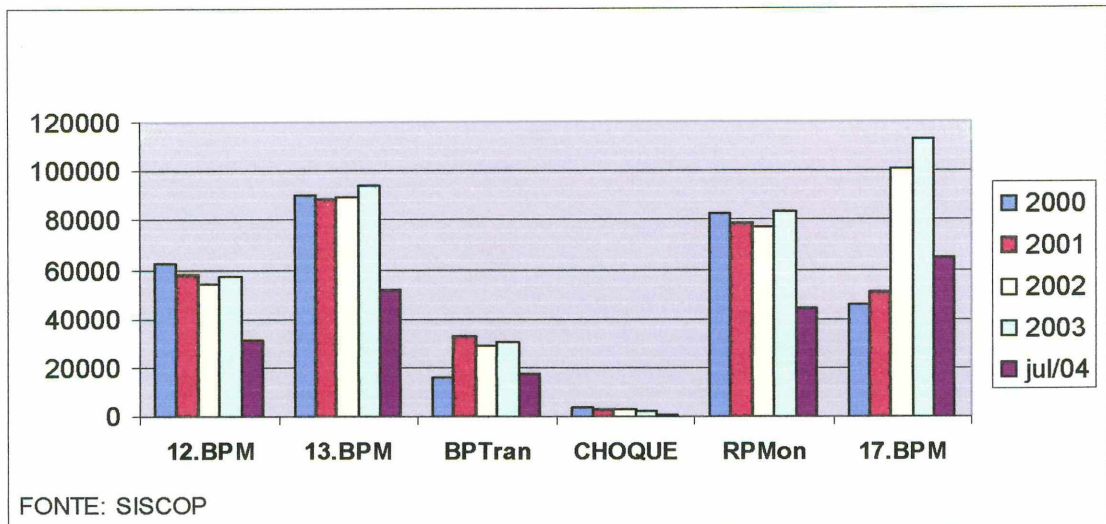


GRÁFICO 7 - NÚMERO DE OCORRÊNCIAS POR OPM



Definido o público, delimitada a área, buscou-se identificar a casuística e produzir conhecimento pelo estudo de cada caso de policial ferido/morto. Procuravam-se padrões de tempo, espaço, agentes e comportamentos que entremeassem todos os casos. Uma vez trazidos a lume do método, desenvolver o conhecimento propondo utilização do conhecimento.

4.1 ESTUDO DOS CASOS DE POLICIAIS MORTOS EM SERVIÇO NO CPC – SÍNTESE

4.1.1 O Policial

As informações desentranhadas pelo método científico apontam um retrato em preto e branco do policial vitimado. O policial morto em serviço, apresenta-se incluído na faixa etária de 35 a 40 anos de idade, é branco, estatura aproximada de 1,7 m, seu status organizacional é de Soldado, seu tempo de serviço está compreendido de um a três anos de serviço.

GRÁFICO 8 - IDADE DO POLICIAL – PM MORTO

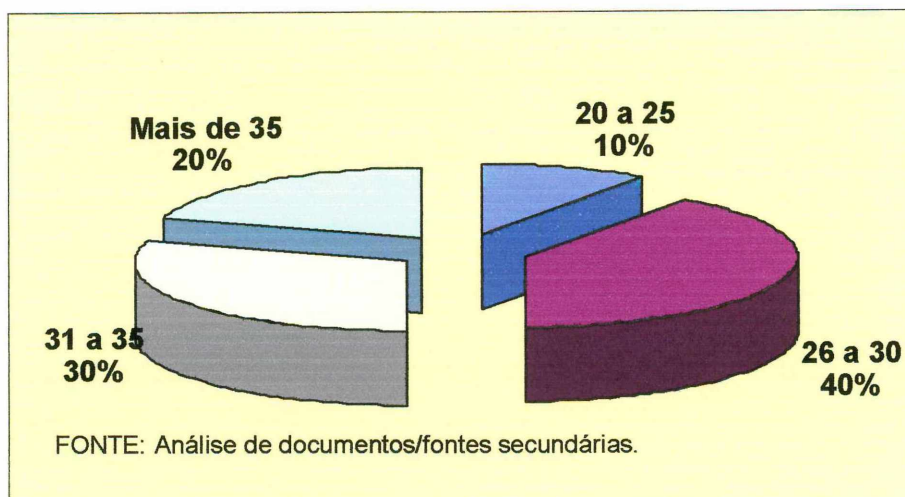


GRÁFICO 9 - GRAU HIERÁRQUICO DO POLICIAL – PM MORTO

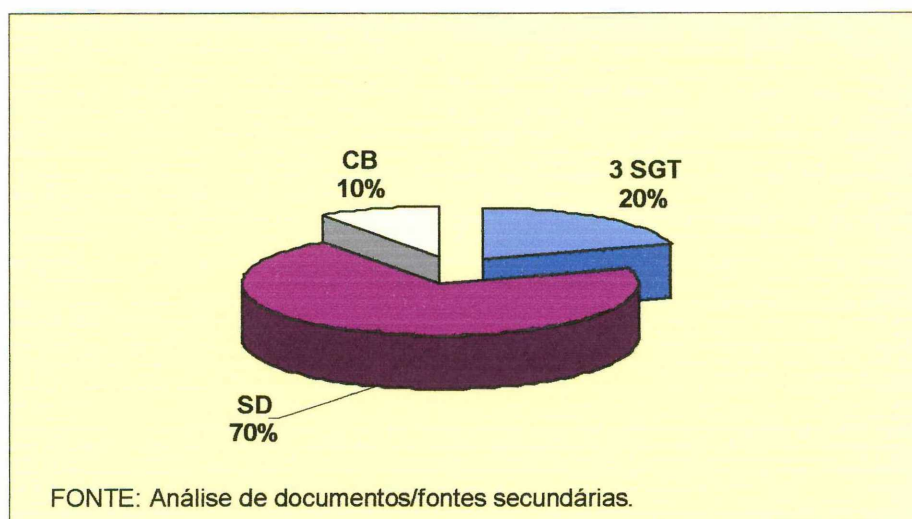
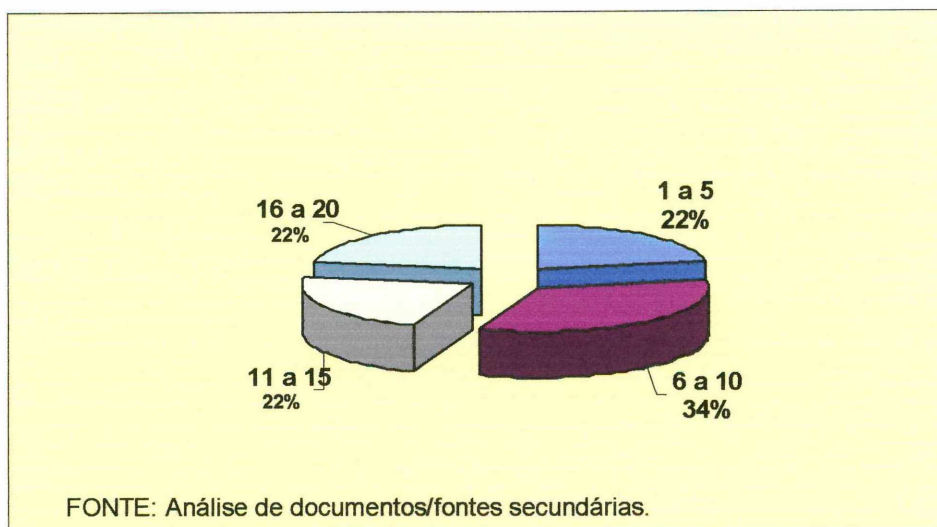


GRÁFICO 10 - TEMPO DE SERVIÇO DO POLICIAL- PM MORTO



O seu comportamento como vítima inicia-se pelo tipo de atividade escolhida, policiamento ostensivo geral, na modalidade de radiopatrulha. A maioria esmagadora dos casos de morte ocorre nessa atividade. Atuando em dupla ou equipe, esta situação deveria colaborar para sua segurança, o que não está acontecendo.

GRÁFICO 11 - PROCESSO DE POLICIAMENTO – PM MORTO

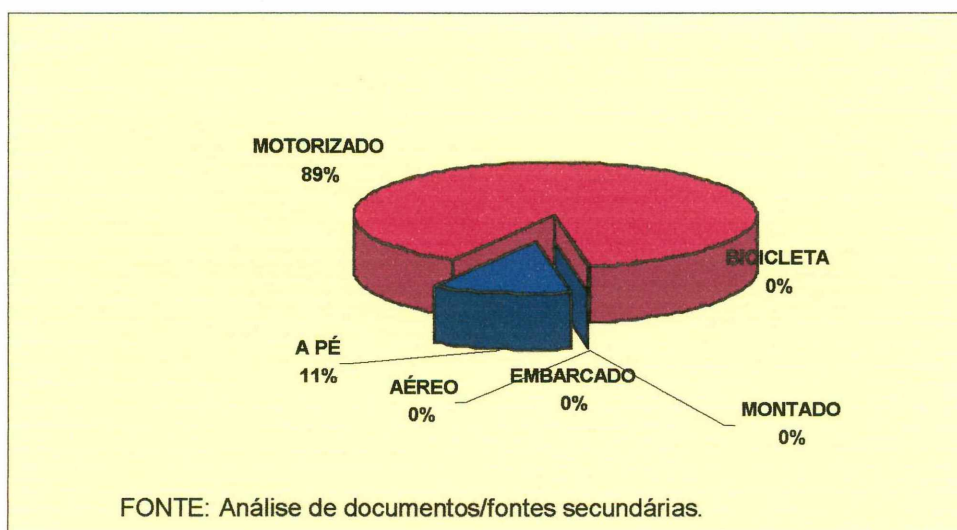
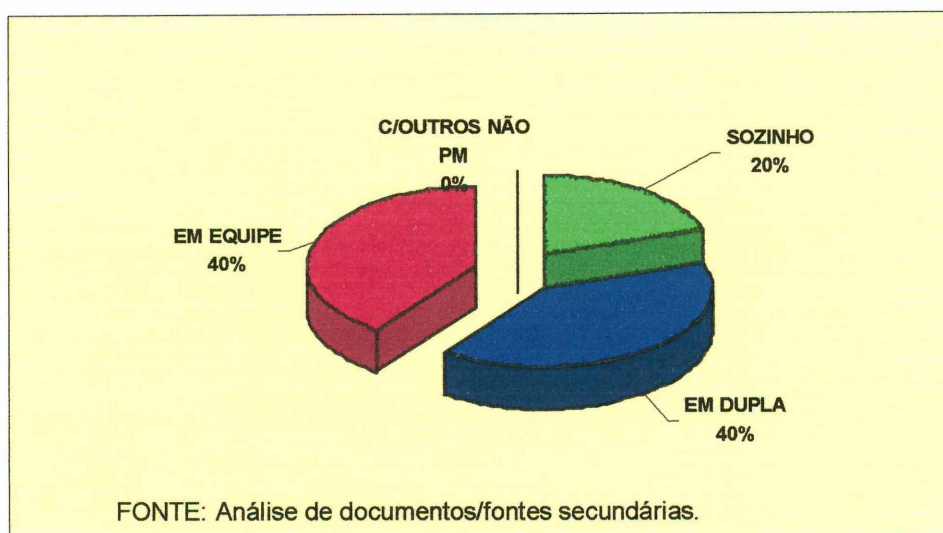
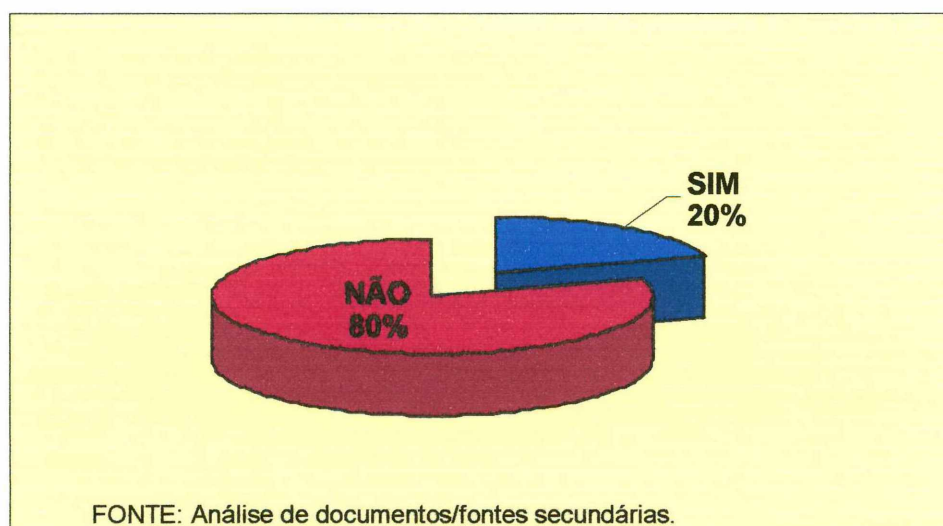


GRÁFICO 12 - TRABALHO EM EQUIPE – PM MORTO



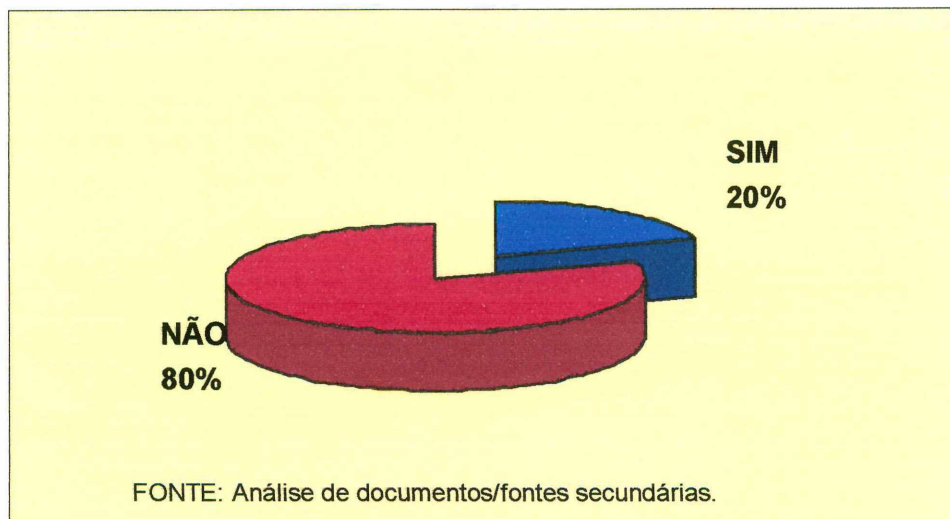
A conduta de risco detectada aponta o elevado desuso do colete anti-balístico: em 80% dos casos que o policial foi morto, não usava colete de proteção.

GRÁFICO 13 - QUANTO AO USO DO COLETE PELO POLICIAL – PM MORTO



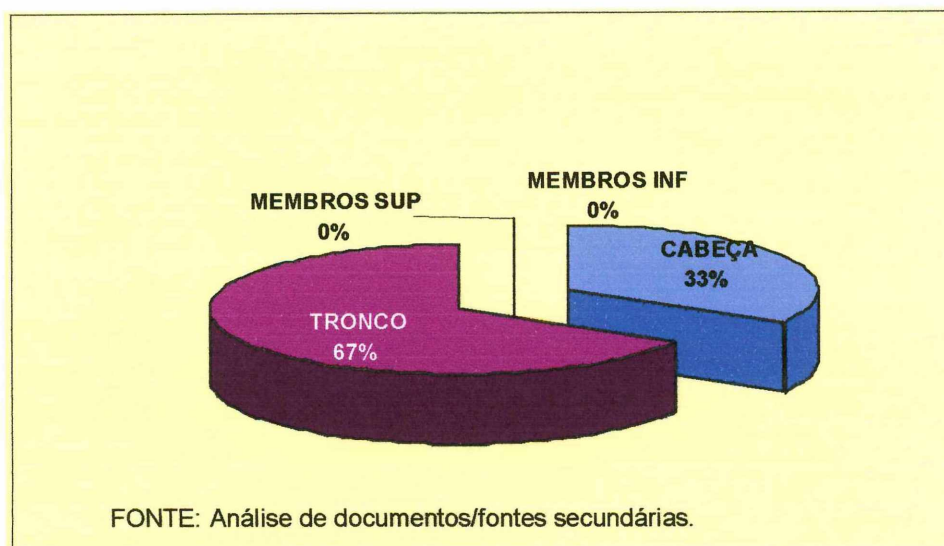
O momento faz com que o policial submetido à ameaça não tenha tempo de fazer uso da arma de fogo, pois em 80% dos casos, o policial não chegou a disparar sua arma.

GRÁFICO 14 - QUANTO AO USO DA ARMA DE FOGO EM DEFESA – PM MORTO



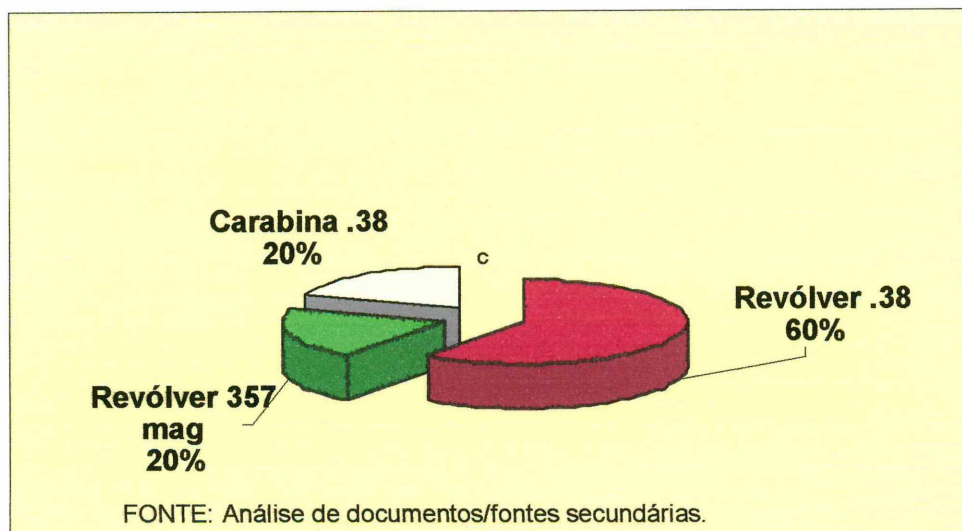
Em outras palavras, o agressor apresenta-se de maneira tão rápida e surpreendente, que o policial não exerce o ato-reflexo de sacar sua arma, quanto mais atirar ou aplicar uma contra-medida. Sinteticamente, o fator surpresa concorre contra o policial. O policial é ferido no tronco, membros inferiores e na cabeça, nesta ordem.

GRÁFICO 15 - LOCALIZAÇÃO DOS FERIMENTOS NO CORPO DO POLICIAL –
PM MORTO



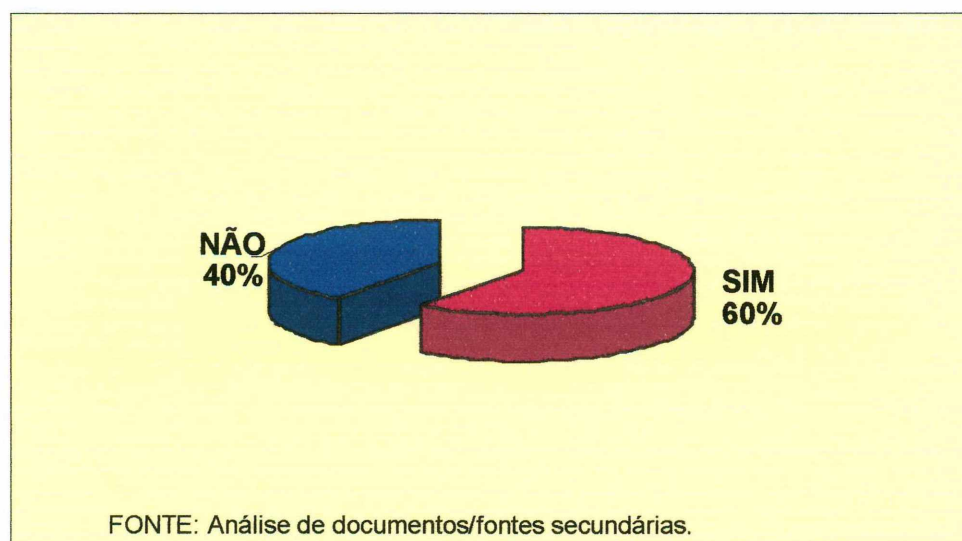
Em dois casos, o policial teve sua arma arrebatada, o que indica falta do domínio de técnicas de retenção de armas. A técnica de retenção de armas pelo método Lindell já pertence ao núcleo curricular dos cursos de formação, todavia para o policial que não está em formação ou reciclagem, o treinamento deste recurso é pouco. Com relação aos casos de armas arrebatadas, apresenta-se como deficiência de equipamento, o coldre, que não garante a retenção da arma pelo policial. Em uma ocorrência, o policial foi morto pela sua própria arma, o que confirma a situação anterior. O policial usava na maioria das vezes como armamento orgânico o Rv.38 Spl Taurus/Rossi como arma primária e não dispunha de arma secundária.

GRÁFICO 16 - QUANTO À ARMA PRIMÁRIA USADA PELO POLICIAL – PM MORTO



Na sondagem, o policial detinha conhecimento sobre o emprego da arma, no caso o Rv.38 Spl Taurus/Rossi, e estava participando de instrução periódica.

GRÁFICO 17 - QUANTO À PARTICIPAÇÃO EM INSTRUÇÃO PROGRAMADA – PM MORTO



Com relação à técnica de contenção utilizada, o policial na maioria dos casos limitou-se ao estágio da admoestação verbal (controle verbal), não evoluindo no emprego gradativo de força, ou seja não empregou a submissão física, uso de armas menos letais e por derradeiro a força letal.

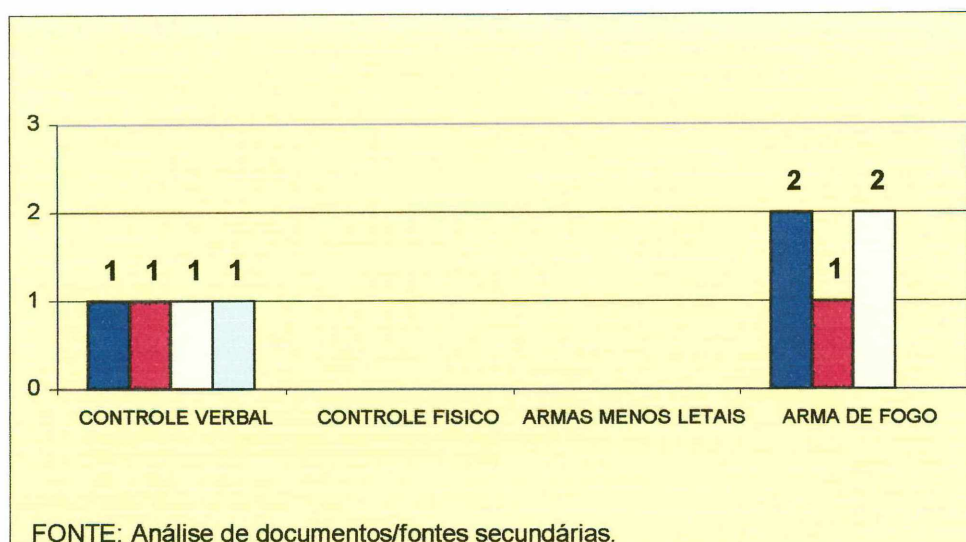
As razões para o não-uso de táticas defensivas como de controle físico e com armas menos letais, decorre da falta de instrução para a primeira e não dotação de armamento alternativo menos letal para o policial que executa o patrulhamento radiomotorizado. Nos quadros abaixo, mostraremos como o emprego da força deve ser gradativo pela tabela da Polícia de Illinois, EUA. Em seguida, como o emprego de força tem sido empregado nos casos estudados.

QUADRO 1- USO DE FORÇA PROGRESSIVA

USO DE FORÇA POLICIAL		
PERCEPÇÃO DO POLICIAL QUANTO AO AGRESSOR	GRAU	AÇÃO DE RESPOSTA DO POLICIAL CONTRA O AGRESSOR
AGRESSÃO FÍSICA LETAL	5	FORÇA LETAL
AGRESSÃO FÍSICA NÃO LETAL	4	TÁTICAS DEFENSIVAS NÃO LETAIS
RESISTÊNCIA ATIVA	3	CONTROLE FÍSICO
RESISTÊNCIA PASSIVA	2	CONTROLE DE CONTATO
SUBMISSÃO	1	CONTROLE VERBAL

FONTE: Universidade de Illinois, EUA

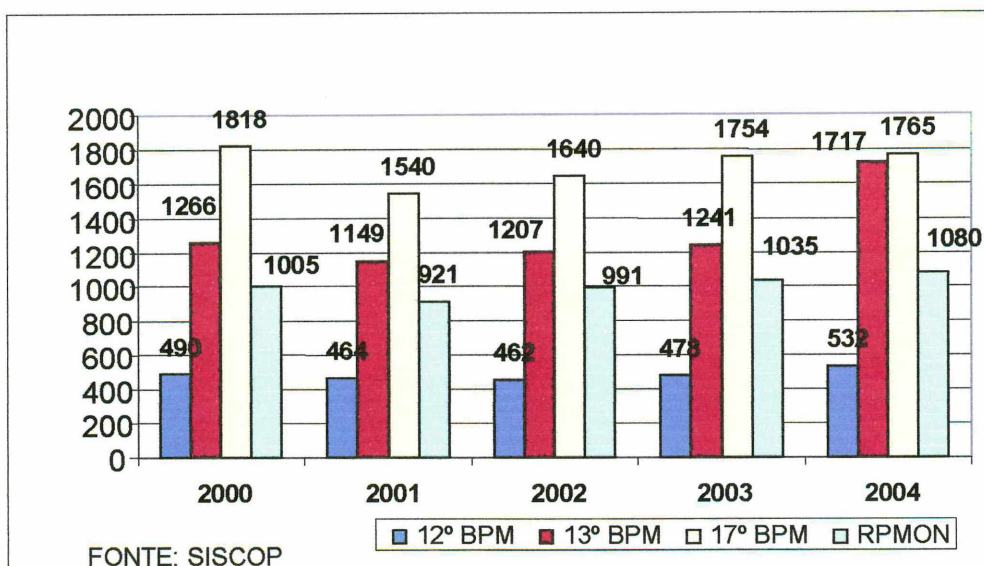
GRÁFICO 18 - EMPREGO GRADATIVO DE FORÇA PELO PM MORTO



Podemos, então, equacionar este segmento sobre o policial morto dentro do comportamento da vítima da seguinte maneira:

O policial morto em serviço é jovem, possui uma boa experiência profissional, é patrulheiro radiomotorizado, desenvolve seu trabalho na região metropolitana de CURITIBA, onde os bairros pobres, favelas e invasões proporcionam um ambiente favorável à eclosão de ocorrência policiais de risco. Pela diluição do número de policiais-militares no número da população, nosso profissional de segurança atende um número expressivo de ocorrências, o que lhe expõe ao risco.

GRÁFICO 19 - RELAÇÃO ENTRE POPULAÇÃO E POLICIAL-MILITAR



Na situação de confronto entre policial e suspeito, o primeiro é negligente no que se refere ao uso de equipamento de proteção (uso do colete antibalístico), possui limitações de equipamento e armamento que potencializam a letalidade. Pelas características operacionais, o “*crescendum*” da intervenção policial é extremamente rápido e não permite contra-medidas ou reação armada.

Na situação de deslocamento motorizado, o policial falece em decorrência de acidente de trânsito ao dirigir-se para a ocorrência. A velocidade excessiva desenvolvida no afã de reduzir o tempo de chegada ao local da ocorrência, proporciona a condição de risco para o acidente de trânsito que potencialmente lhe ceifará a vida.

4.1.2 O Agressor

O agressor é contido na faixa etária de 20 a 55 anos. É branco, com histórico criminal em 16% dos casos. Em 10% da amostra, está sob efeito de narcóticos. Usa da força contra o policial para garantir sua fuga ao ter sido surpreendido em flagrante. O fato do histórico criminal é de interesse pela derivação

de duas vertentes: a primeira versa sobre a razão desse agente estar em liberdade a na prática de crime, a segunda traz a lume a reincidência criminal, hoje avaliada em 80% dos egressos do Sistema Prisional.

GRÁFICO 20 - FAIXA ETÁRIA DO AGRESSOR – PM MORTO

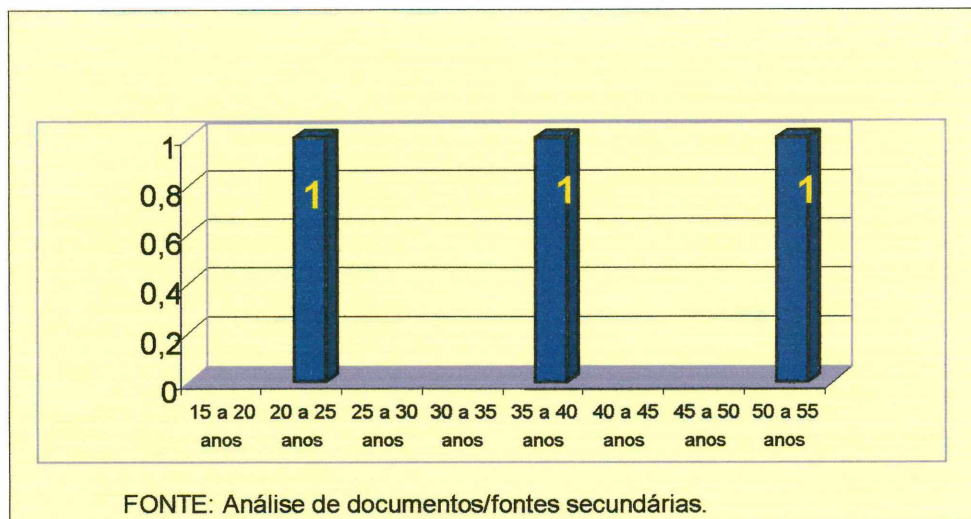


GRÁFICO 21 - EXISTÊNCIA DE HISTÓRICO CRIMINAL PELO AGRESSOR – PM MORTO

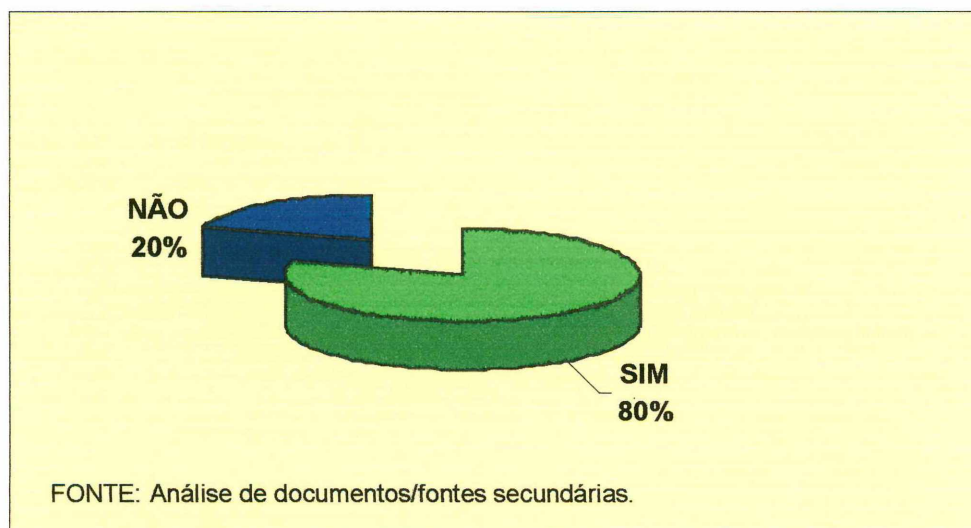
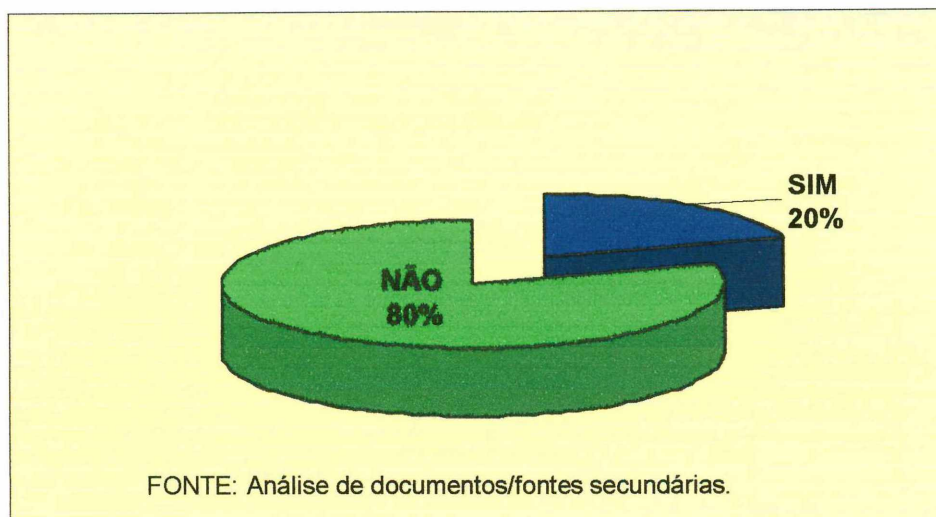


GRÁFICO 22 - USO DE NARCÓTICOS PELO AGRESSOR – PM MORTO



4.1.3 O Cenário

O cenário é o ambiente urbano, a situação apresenta-se como ocorrência repassada pelo COPOM com a natureza de roubo. A distância entre o policial e o agressor foi de 0 a 8 metros em 80% dos casos.

GRÁFICO 23 - LOCAL DA OCORRÊNCIA: URBANO/RURAL – PM MORTO

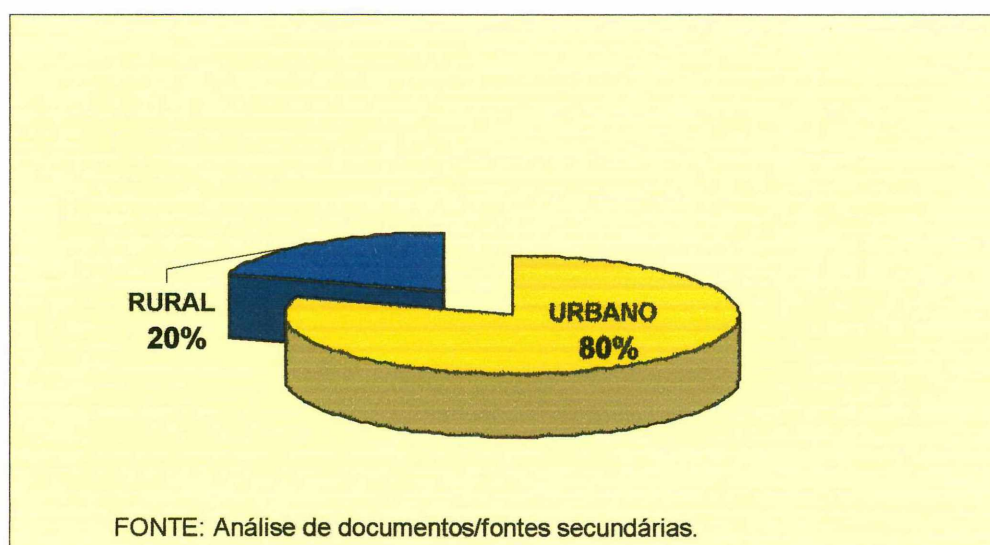


GRÁFICO 24 - NATUREZA DA OCORRÊNCIA REPASSADA PELO COPOM – PM MORTO

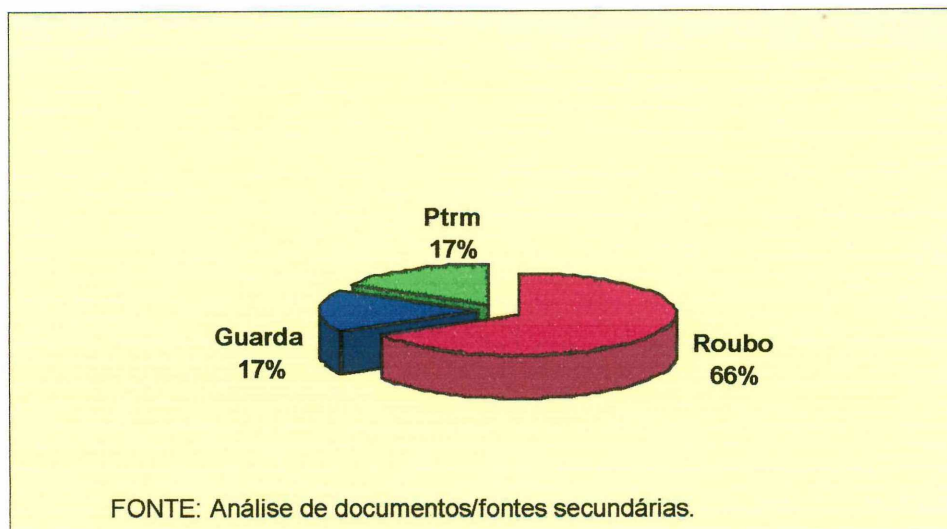
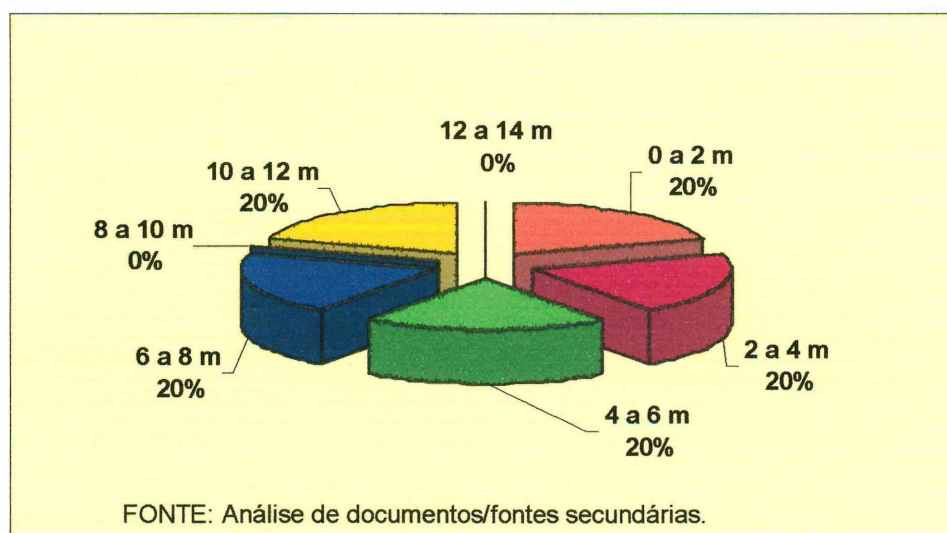


GRÁFICO 25 - DISTÂNCIA ENTRE POLICIAL E AGRESSOR – PM MORTO



4.1.4 A Arma

A arma causadora de morte é a arma de fogo, de origem ilícita. A munição é ogival e tronco-cônica, com disparos múltiplos em 16% dos casos.

GRÁFICO 26 - TIPO DE ARMA EMPREGADA CONTRA POLICIAL – PM MORTO

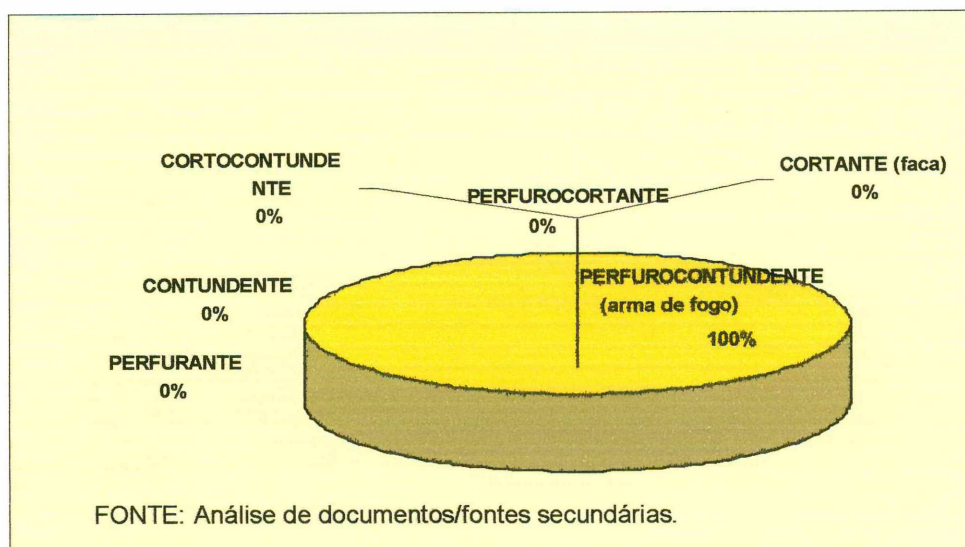


GRÁFICO 27 - QUANTIDADE DE DISPAROS FEITOS PELO AGRESSOR – PM MORTO

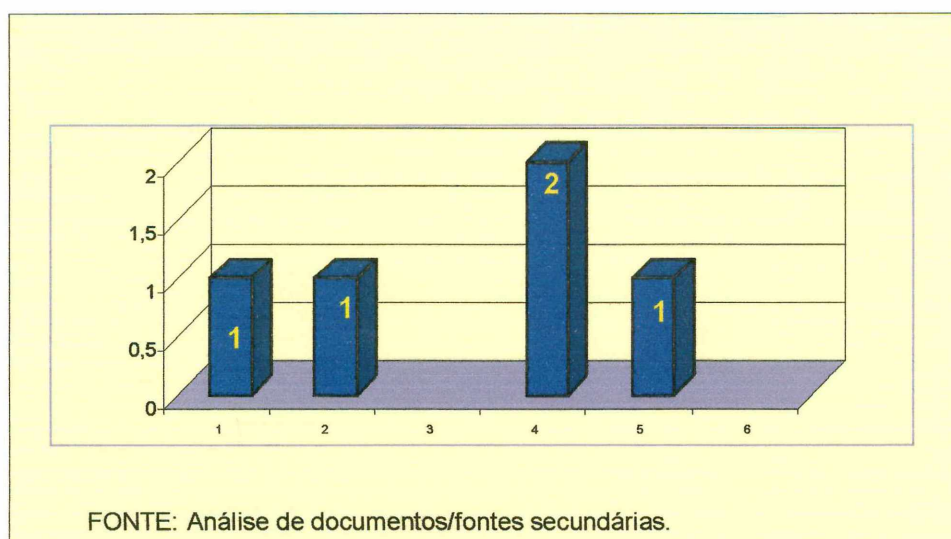
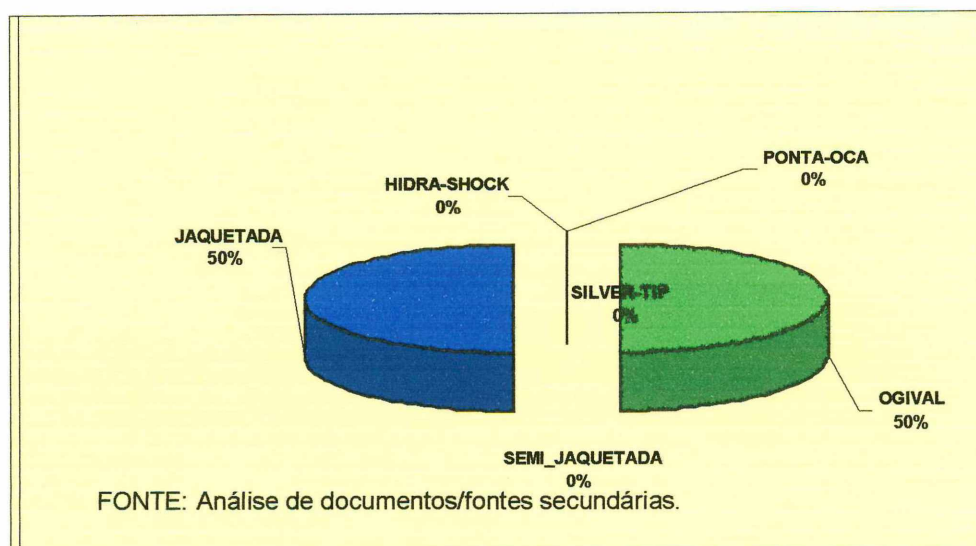


GRÁFICO 28 - QUANTO AO TIPO DE MUNIÇÃO UTILIZADA PELO AGRESSOR – PM MORTO



4.1.5 O Tempo

O ano em que mais policiais vieram a perder a vida foi em 2003. O mês foi o de Maio e o dia Terça-feira. O horário de pico foi das 18:00h às 22:00h.

GRÁFICO 29 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR ANO – PM MORTO

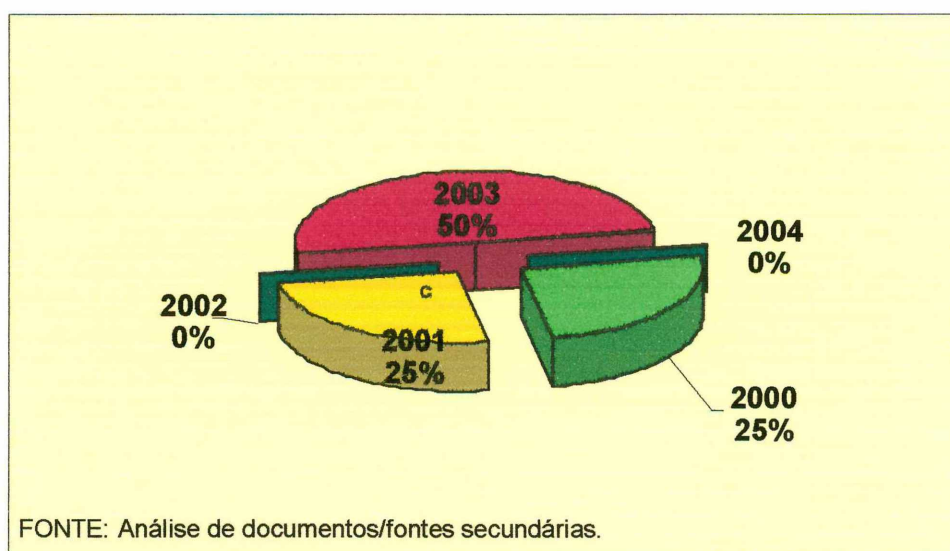


GRÁFICO 30 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR MÊS – PM MORTO

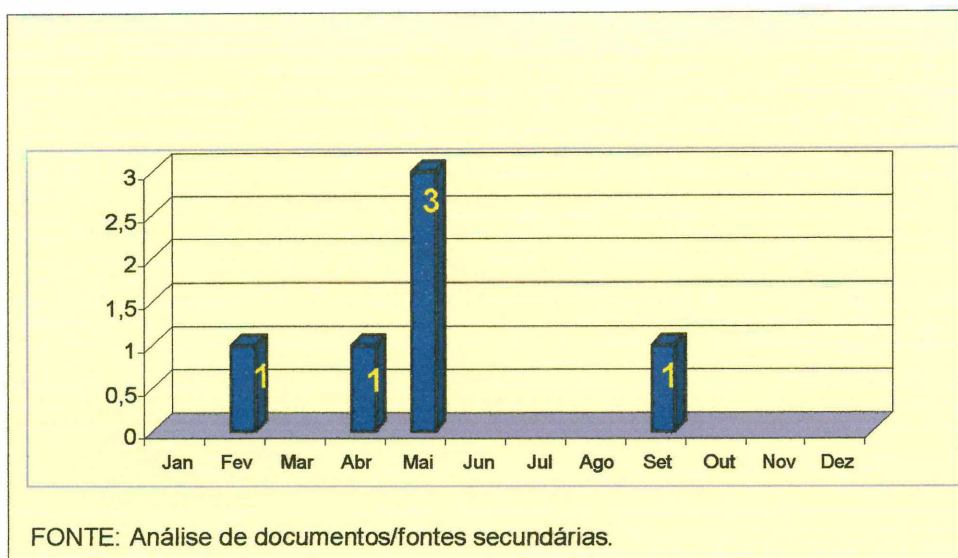


GRÁFICO 31 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR DIA DA SEMANA – PM MORTO

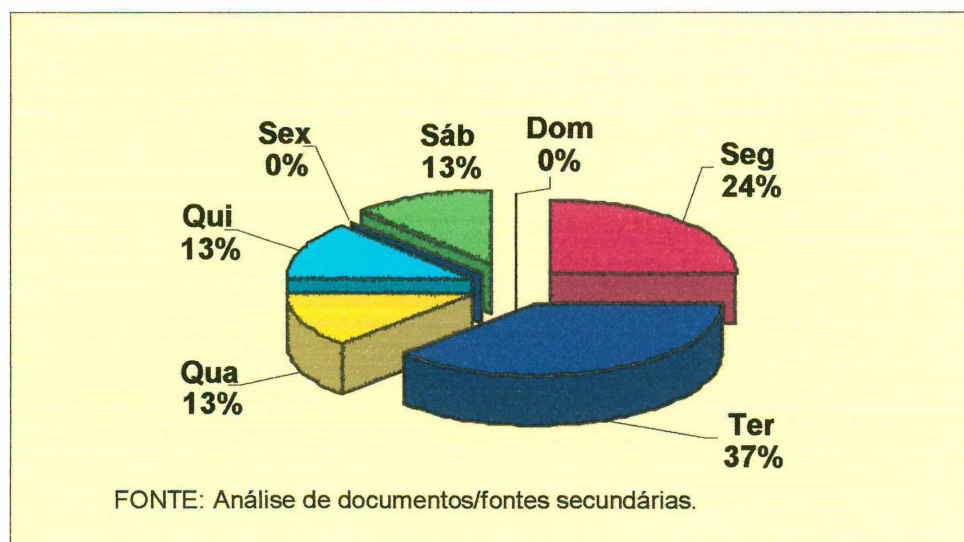
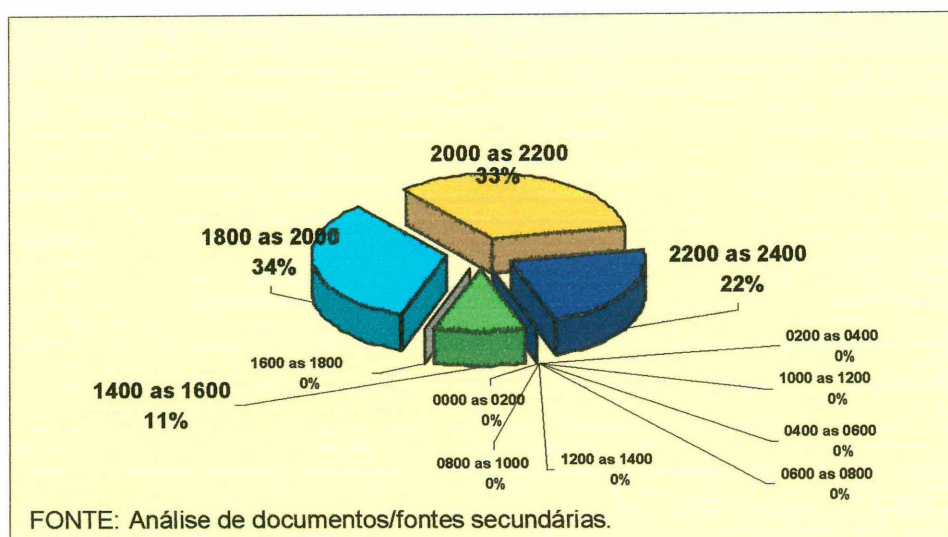


GRÁFICO 32 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR HORÁRIO – PM MORTO



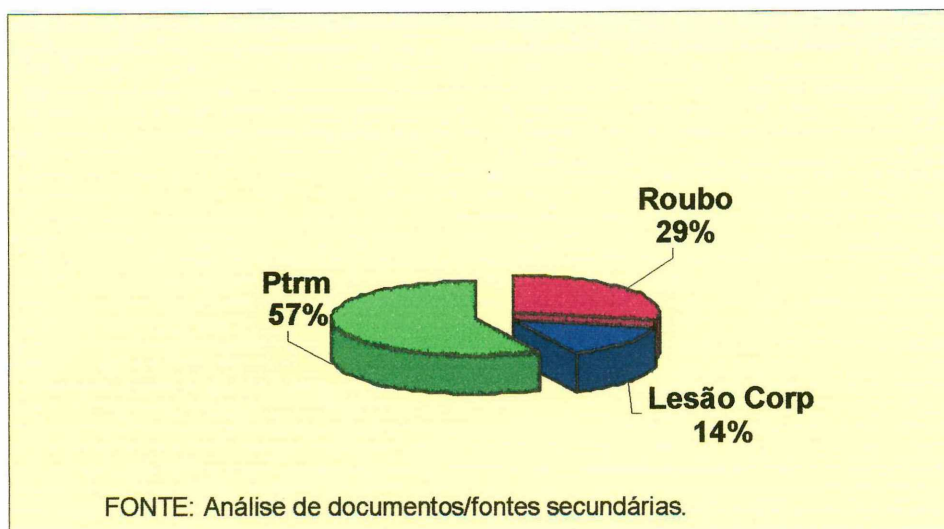
4.2 ESTUDO DOS CASOS DE POLICIAIS FERIDOS EM SERVIÇO NO CPC - SÍNTESE.

4.2.1 O Policial

O policial ferido apresenta o mesmo perfil antropológico anterior, profissional também. O seu comportamento como vítima inicia-se pelo tipo de atividade escolhida, policiamento ostensivo geral, na modalidade de radiopatrulha. Manifesta-se elevado o índice de policiais feridos na Região Metropolitana de CURITIBA, posto que a concentração de população aumenta em bairros pobres, favelas e invasões típicas da região periférica. A desproporção entre policiais e habitantes força o policial que atua nesta região a atender um número maior de ocorrências, aumentando assim sua exposição a situações de risco. A maioria esmagadora dos casos de ferimento em serviço ocorre nessa atividade e área geográfica.

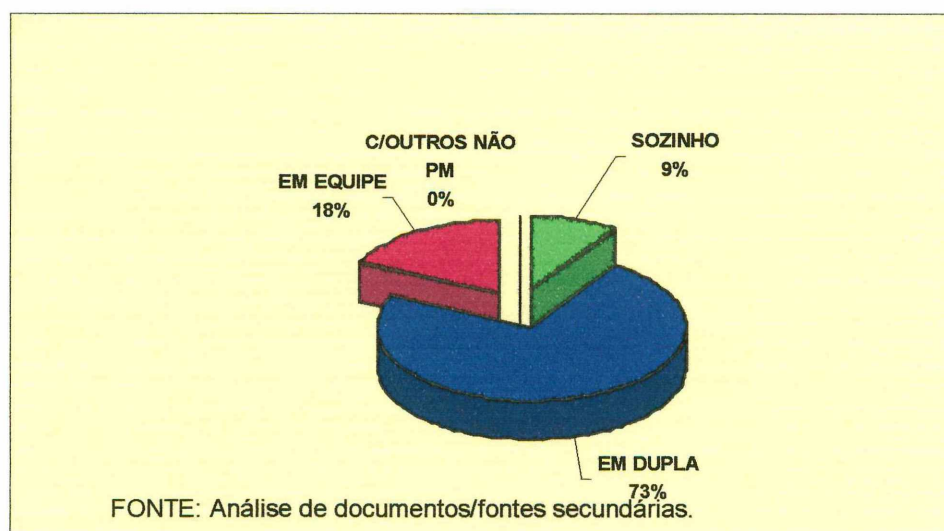
As ocorrências que resultaram em ferimento, decorrem de situações geradas pelo radiopatrulhamento (atividade próativa), seguindo a ocorrência despachada pelo COPOM tendo como denúncia inicial o crime de roubo.

GRÁFICO 33 - NATUREZA DA OCORRÊNCIA REPASSADA PELO COPOM – PM FERIDO



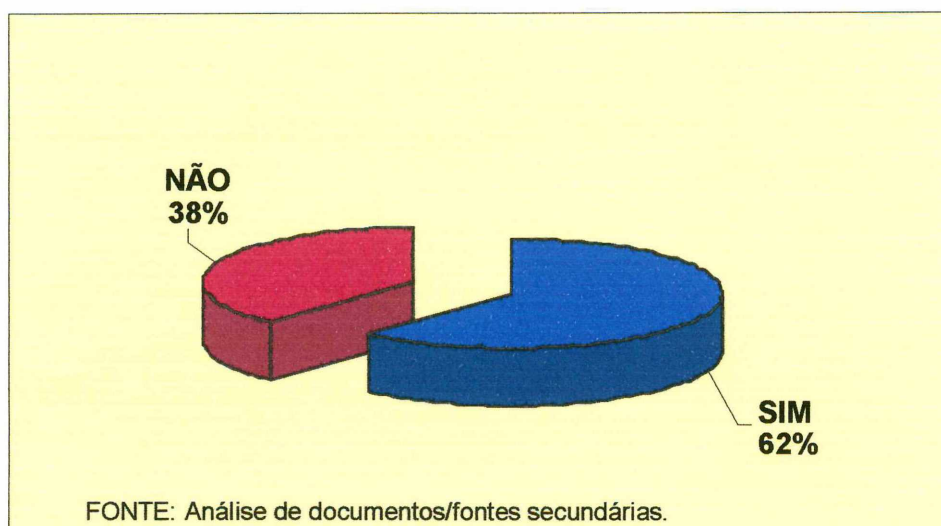
O policial ferido estava em dupla ou equipe; esta condição de estar acompanhado por outro policial deveria colaborar para sua segurança, todavia, isto não ocorreu.

GRÁFICO 34 - TRABALHO EM EQUIPE – PM FERIDO



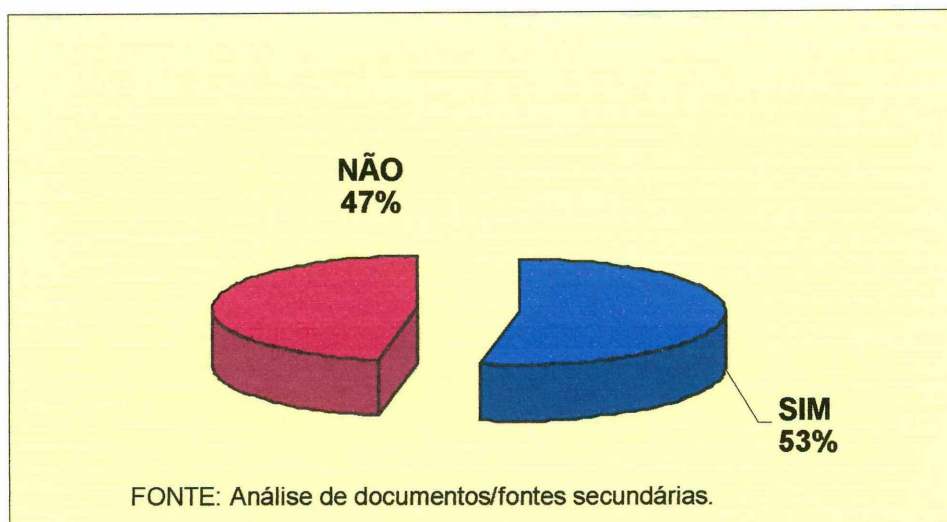
Aqui já aparece o uso do colete, como elemento diferencial na sobrevivência policial. Os disparos migram da região torácica para a cabeça e membros inferiores e superiores.

GRÁFICO 35 - QUANTO AO USO DO COLETE PELO POLICIAL – PM FERIDO



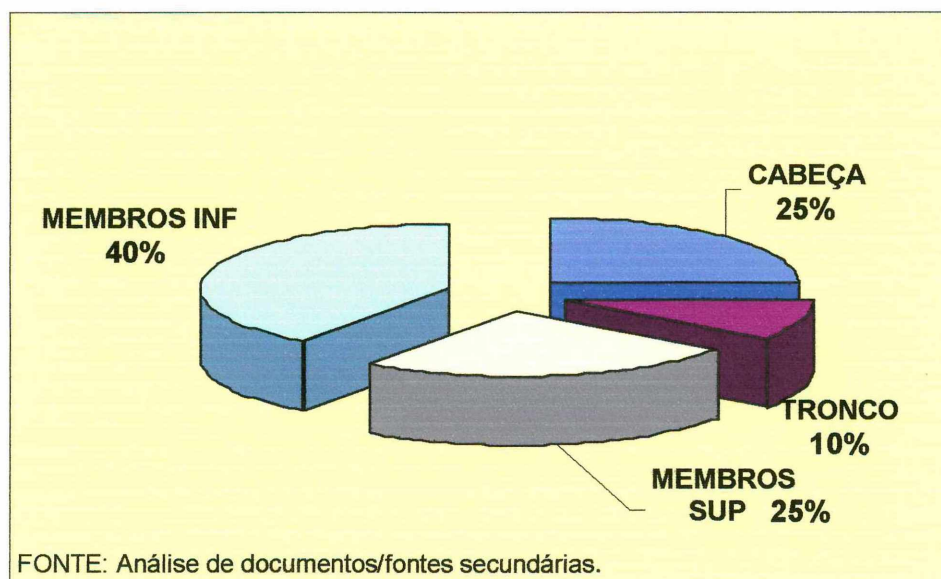
Da observação, nota-se que o policial começa a fazer uso da arma de fogo, posto que a ocorrência desenvolve-se mais lentamente, o que lhe permite uma leitura favorável.

GRÁFICO 36 - QUANTO AO USO DA ARMA DE FOGO PELO PM FERIDO



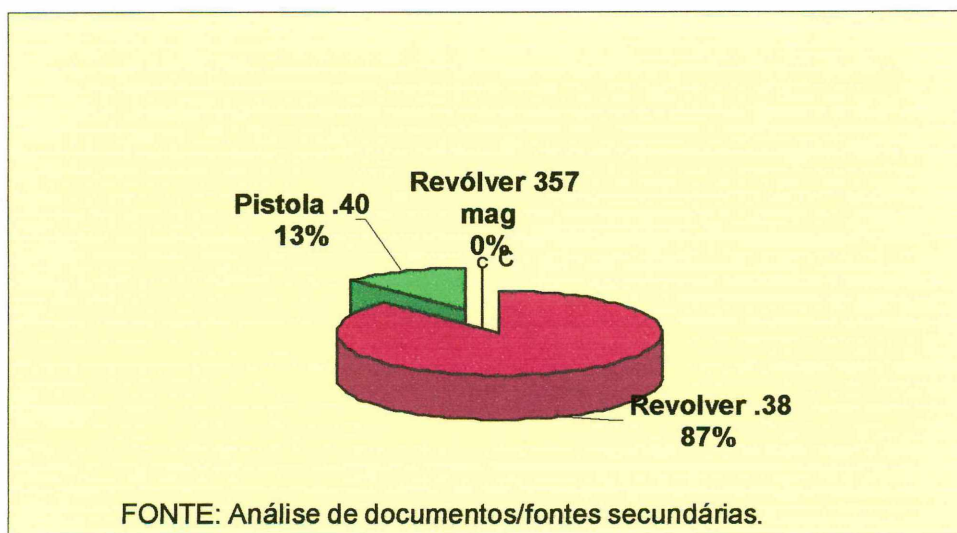
O local do ferimento agora aparece liderado pelos membros inferiores, seguido da cabeça e membros superiores. Isto deve-se ao fato do uso do colete e ferimentos decorrente do alvejamento do policial ainda dentro da viatura parada ou em deslocamento.

GRÁFICO 37 - LOCALIZAÇÃO DOS FERIMENTOS NO CORPO DO PM FERIDO



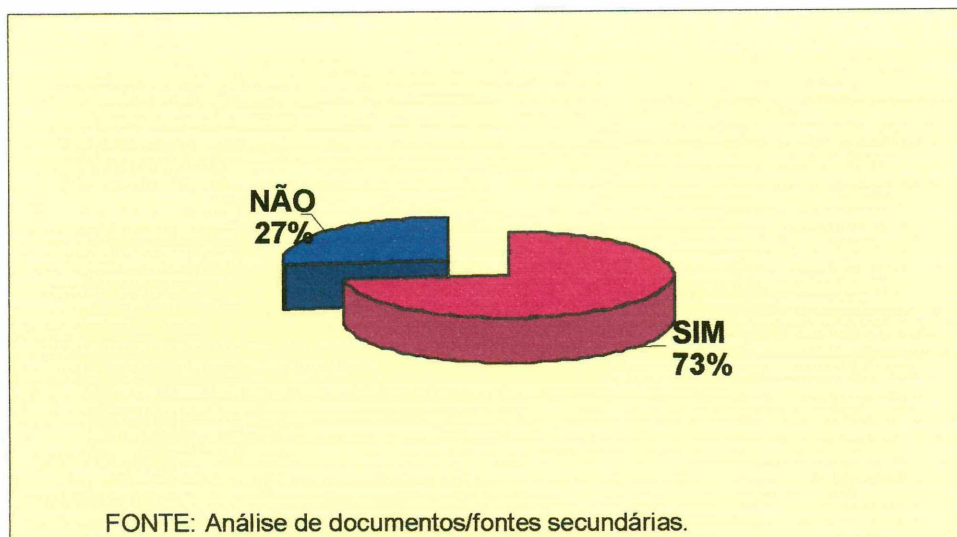
A arma primária que o policial ferido usava era o revólver 38 Spl TAURUS/ROSSI, com o aparecimento da Pistola.40 S&W pelos casos apresentados pela Cia P Chq.

GRÁFICO 38 - QUANTO À ARMA PRIMÁRIA UTILIZADA PELO PM FERIDO



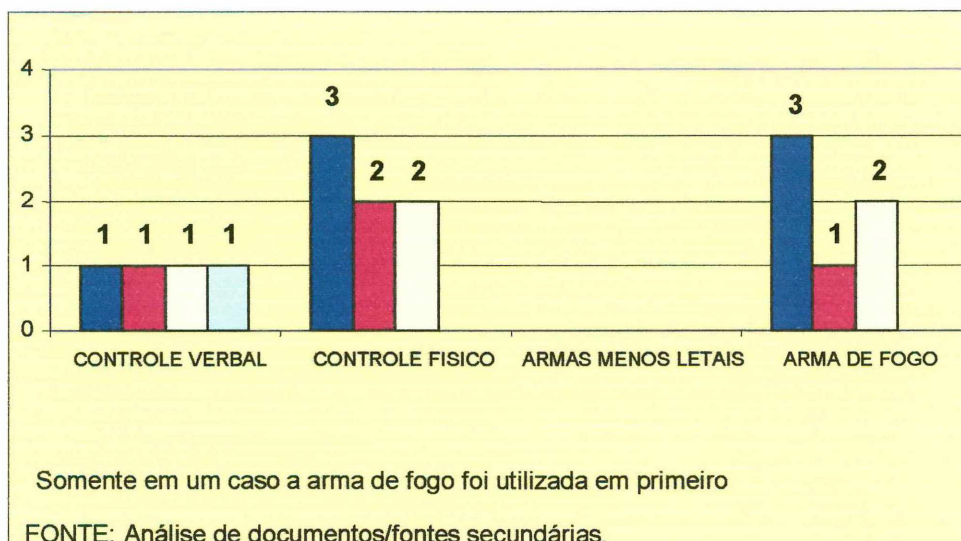
A participação dos policiais aqui apresentados é de 73% na instrução desenvolvida pelo BPM. Uma boa margem se considerarmos o trinômio trabalho/descanso/ instrução.

GRÁFICO 39 - QUANTO A PARTICIPAÇÃO EM INSTRUÇÃO PROGRAMADA – PM FERIDO



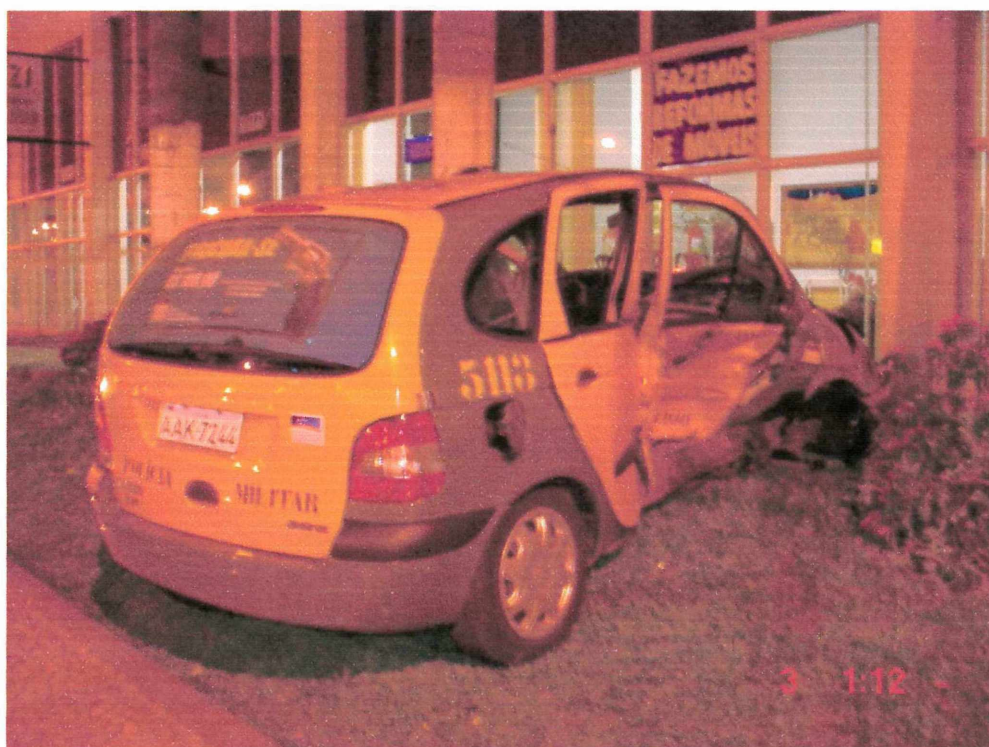
A situação de agressão desenrola-se com maior lentidão, garantindo, assim, ao policial o uso de técnicas alternativas, como o uso de imobilizações e do bastão PR-24 (Tonfa). Permanece, ainda, a ausência do uso de armas menos letais.

GRÁFICO 40 -EMPREGO GRADATIVO DE FORÇA PELO PM FERIDO



A visibilidade sobre o assunto nos permite afirmar que atuando em dupla ou equipe, esta situação deveria colaborar para sua segurança, o que não está acontecendo. Dois momentos devem ser destacados aqui. O primeiro momento é o da abordagem policial, em que o policial-militar por erro de procedimento (negligência ou desconhecimento das técnicas de abordagem de pessoas a pé ou em veículos) acaba por precipitar a ação agressiva. O segundo momento é o da perseguição em viatura (modernamente chamada de Acompanhamento Tático), em que os casos indicam a incidência de acidentes de trânsito com três casos e aqui ocorre uma derivação interessante: o policial em acompanhamento tático é alvejado dentro da viatura policial.

FIGURA 1 – COLISÃO LATERAL DECORRENTE DE ACOMPANHAMENTO TÁTICO



FONTE: BPTTran

Em três casos, o policial teve sua arma arrebatada, o que indica falta do domínio de técnicas de retenção de armas, como também deficiência do

equipamento (coldre), que não garante a retenção da arma pelo policial. Esta situação já foi exaurida no tópico anterior.

FIGURA 2 – EQUIPAMENTO TIPO FIEL RETRÁTIL PARA RETENÇÃO DE ARMA



FONTE: autor

FIGURA 3 – EMPREGO OPERACIONAL DO FIEL RETRÁTIL

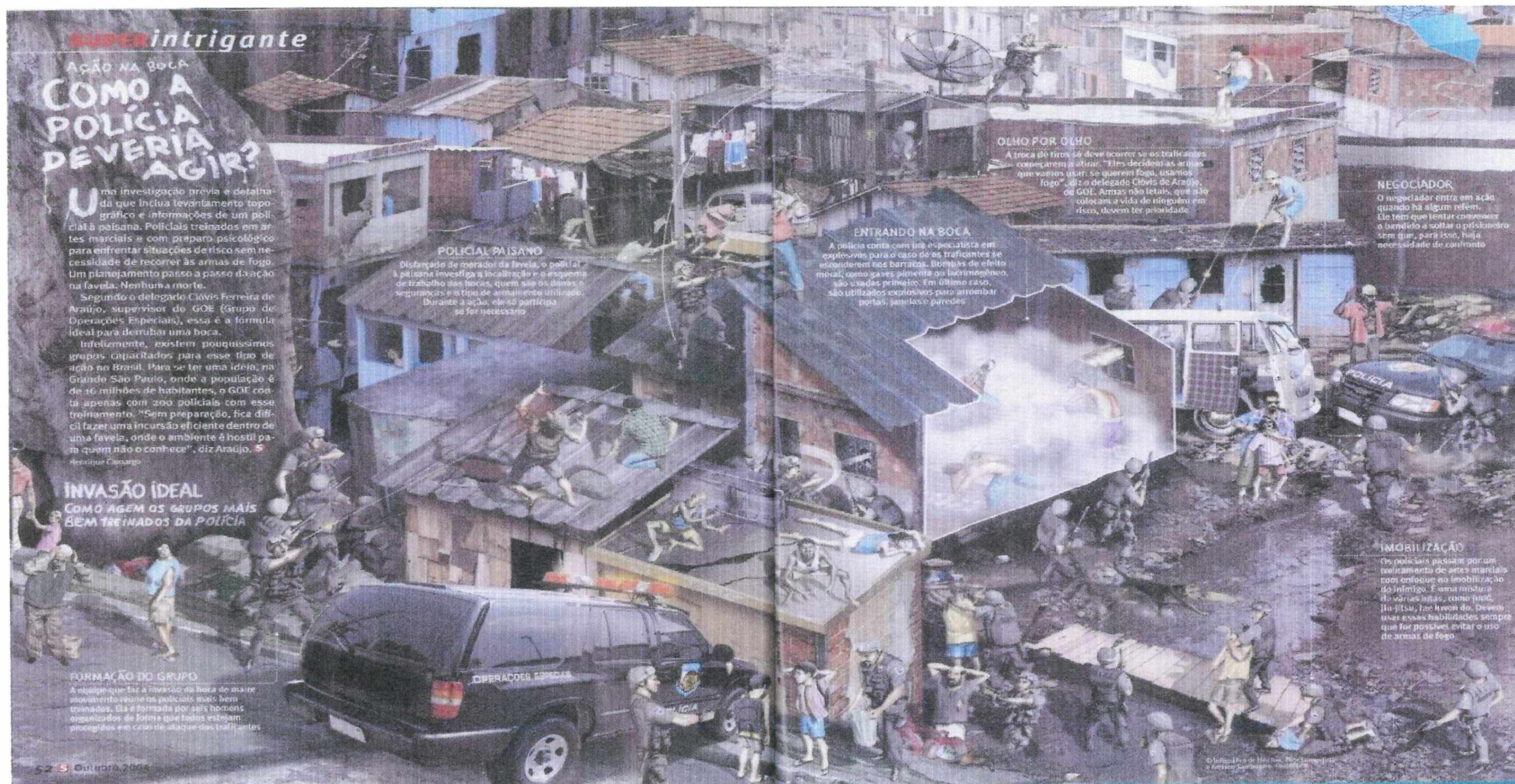


FONTE: autor

O policial usava na maioria das vezes como armamento orgânico o Rv. 38 Spl Taurus/Rossi e não dispunha de arma secundária. Na sondagem, o policial detinha conhecimento sobre o emprego da arma, no caso o Rv. 38 Spl Taurus/Rossi, e estava participando de instrução periódica. Com relação à técnica de contenção utilizada, o policial na maioria dos casos empregou o estágio da admoestação verbal (controle verbal), submissão física e emprego da arma de fogo (força letal). Destaca-se aqui que a fase do emprego da arma alternativa é preterida, pela falta desse tipo de equipamento.

O policial ferido em serviço é jovem, na faixa etária de 35 a 40, possui uma boa experiência profissional, é patrulheiro radiomotorizado. Decorrente da atividade policial, é ferido durante a abordagem policial na maioria dos casos. O exercício da atividade de radiopatrulhamento em áreas de exclusão social, modernamente chamado de Patrulhamento de Alto Risco, força o policial a uma exposição maior a situações de letalidade. Também é ferido durante a perseguição policial (acompanhamento tático), decorrente de acidentes de trânsito causados pelo excesso de velocidade em 12% dos casos e ferimentos por disparos de arma de fogo ainda dentro do veículo policial em 05% dos casos. Apresenta ainda alta incidência da negligência ao uso do colete antibalístico. Possui limitações de equipamento e armamento que potencializam a letalidade. Pelas características operacionais, o “crescendo” da intervenção policial é um pouco mais lento, porém com evolução positiva da violência. O fato de estar em dupla, não tem colaborado para minimizar os riscos, pois os policiais apresentam desconhecimento de táticas policiais em duplas que reduziriam esta condição desfavorável.

FIGURA 4 – RECOGNIÇÃO VISUOGRÁFICA



FONTE: Superinteressante, novembro 2004.

5 O ESTUDO DE CASOS FORNECIDOS PELO BANCO DE DADOS DO DEPARTAMENTO DE SOBREVIVÊNCIA POLICIAL DA ACADEMIA POLICIAL-MILITAR DO GUATUPÊ. AMBIÊNCIA POLICIAMENTO DO INTERIOR.

Uma vez acessado o Banco de Dados de Confrontos Armados do Departamento de Sobrevivência Policial da Academia Policial-militar do Guatupê, submetemos os relatos de confrontos armados à mesma metodologia. Coleta dos casos, leitura e confecção da Ficha de Leitura. Na seqüência, foi aplicado em cada dossiê a Tabela de Temas. Reunidas as tabelas de temas, foram lançados os resultados em Banco de Dados próprio da Monografia e tabulada para efeitos estatísticos.

Buscou-se com esta nova sondagem, verificar se nosso estudo sobre a ambiência na Capital do Estado encontraria mesmos personagens, objetos e valores.

Como resultado da investigação científica de cinco casos de confrontos armados, os quais resultaram em um policial morto e cinco feridos, deu-se a visibilidade descrita no subitem abaixo.

5.1 ESTUDO SOBRE LETALIDADE EM POLICIAL-MILITAR DE SERVIÇO NO CPI, DADOS FORNECIDOS PELO DEPARTAMENTO DE TÉCNICA POLICIAL DA APMG.

5.1.1 O Policial

Há um único caso de policial morto em serviço disponível pelo Banco de Dados no mesmo período. Este ator social, era Soldado da PMPR, possuía 36 anos de idade, sexo masculino, com 16 anos de serviço. Usava no momento dos fatos colete antibalístico. No confronto armado fez uso de sua arma de fogo, Revólver.38 Taurus, disparando quatro vezes. O agressor cai, o PM abandona a barricada e aproxima-se do criminoso. O criminoso que até então se fingia de morto, vira-se

rapidamente e dispara quatro tiros contra o policial. O policial tomba ferido e agonizando. O outro policial componente da dupla realiza disparos que neutralizam o agressor. O policial morto tinha disponível uma espingarda CBC Gauge 12, mas não chegou a usá-la. O policial morto recebera treinamento recentemente e usou controle verbal e uso de arma letal na escalada do emprego de força.

5.1.2 O Agressor

Os agressores estavam em número de três, sendo que apenas um usou de força letal contra o agente da Lei. Os três eram do sexo masculino e estavam sendo abordados quando da prática de crime. Os agressores demonstraram sinais de comportamento agressivo. Não estavam sob efeito de tóxico. Dois deles possuíam histórico criminal. A motivação para a conduta foi de garantir a fuga, evitando assim, a prisão e o retorno ao Sistema Prisional.

5.1.3 O Cenário Operacional

O ambiente é urbano, interno e próximo a corredor. O emprego do policial morto era no Policiamento Ostensivo Geral, no processo motorizado. Havia presença de reféns. A ocorrência foi repassada pelo COPOM como roubo. Havia presença de estímulos sonoros e de terceiros. O policial-militar tinha prévio conhecimento da situação de perigo ou risco. A distância do confronto armado deu-se entre 2 e 4 metros. As condições de visibilidade eram comprometidas pelo anoitecer. O tipo de via era asfaltado. O confronto deu-se até 10 m distante da VTR. O policial não estava abrigado, pois abandonara a barricada; tendo se comunicado verbalmente com o parceiro de trabalho.

5.1.4 A Arma

A arma empregada pelo agressor foi arma de fogo, de procedência ilícita. O meliante disparou quatro vezes usando munição ogival.

5.1.5 O Tempo

O lapso temporal do embate foi de 1 a 3 minutos. O horário foi na faixa das 20 hs. às 22hs. O mês foi em abril e o ano de 2003.

5.1.6 Conclusões Sobre Letalidade em Policial-Militar de Serviço no CPI, Dados Fornecidos Pelo Departamento de Sobrevivência Policial da APMG

O perfil do policial morto é análogo ao do policial morto no CPC, mesma faixa etária de 35 a 40 anos e com um tempo de serviço maior. Embora usando colete, o policial é atingido na pélvis, área não protegida pelo painel do colete. O erro de procedimento é abandonar a barricada antes da condição de perigo ou risco deixar de existir. O momento da abordagem policial é outra constante. O emprego gradativo de força salta do controle verbal para o uso da arma letal.

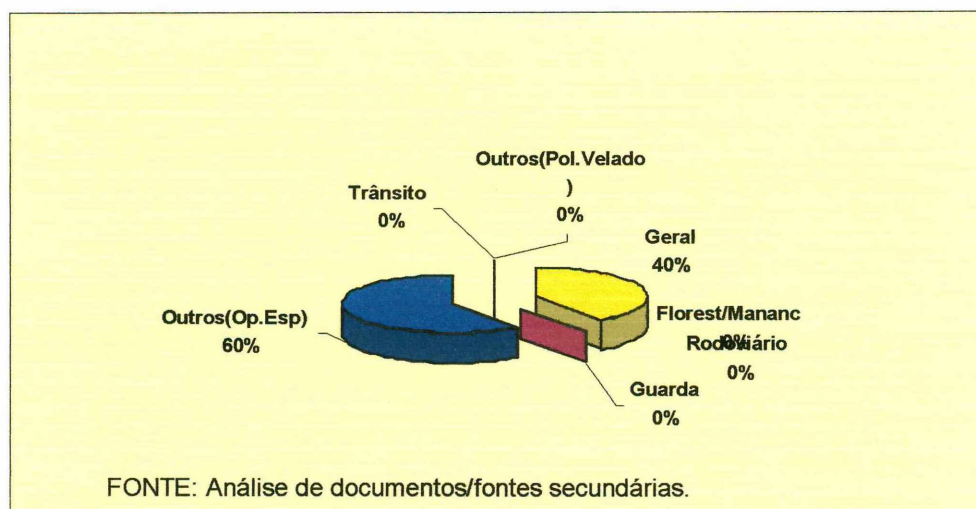
5.2 ESTUDO SOBRE MORBIDADE EM POLICIAL-MILITAR DE SERVIÇO NO CPI, DADOS EXTRAÍDOS DE CASOS FORNECIDOS PELO DEPARTAMENTO DE TÉCNICA POLICIAL DA APMG

5.2.1 O Policial

O policial-militar operativo no Comando do Policiamento do Interior, possui a mesma qualificação antropológica do policial ferido do CPC. É patrulheiro

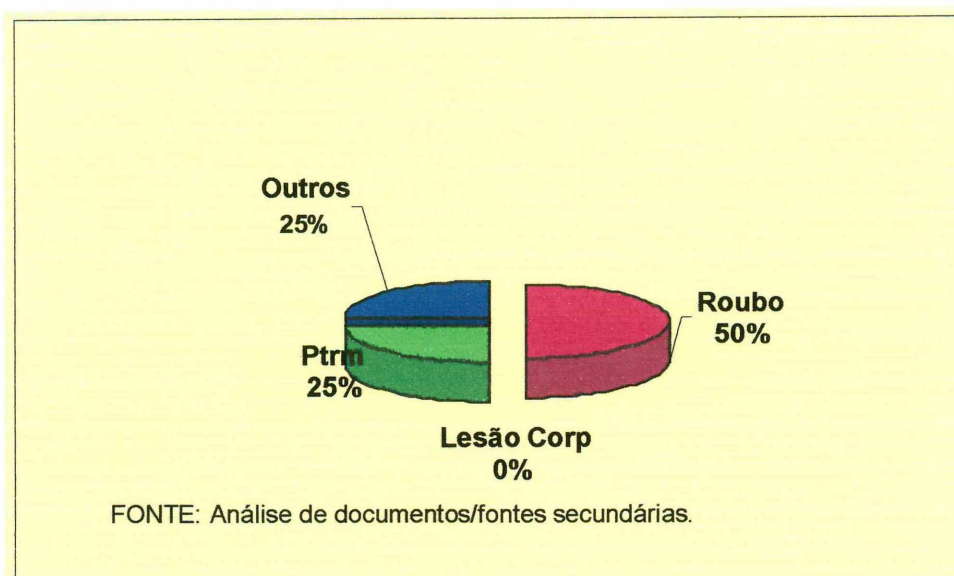
radiomotorizado, mas desenvolve suas atividades na ROTAM, grupo tático encarregado de missões especiais.

GRÁFICO 41 - TIPO DE POLICIAMENTO - PM FERIDO



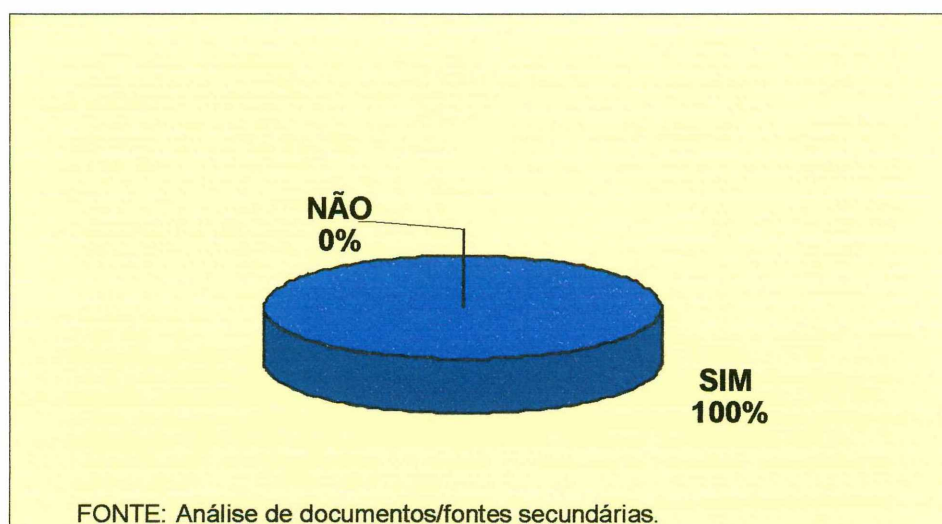
O tipo de ocorrência que gera risco é repassado pelo COPOM pela descrição inicial de roubo, como demonstrado no gráfico abaixo.

GRÁFICO 42 - NATUREZA DA OCORRÊNCIA REPASSADA PELO COPOM – PM FERIDO



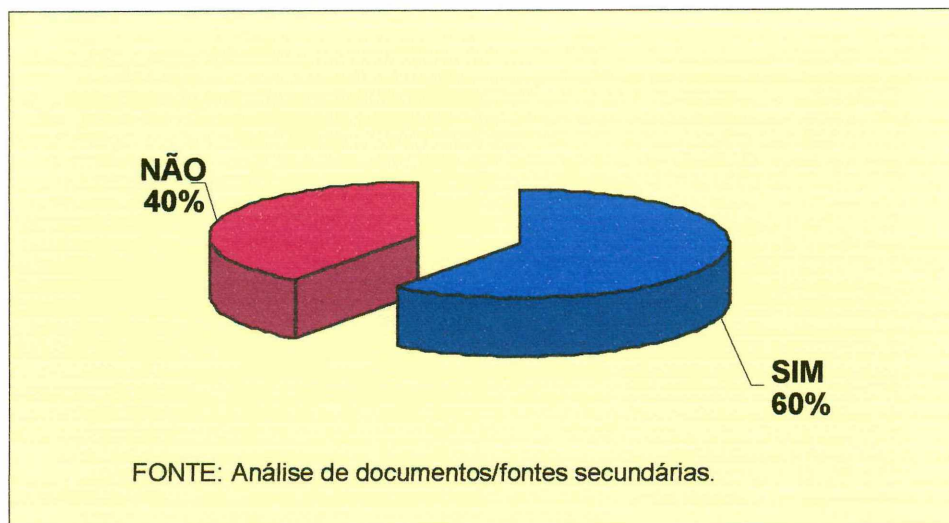
Aqui, nesta amostragem, todos os policiais usavam coletes antibalísticos, apresentando uma conscientização maior do que seus colegas da capital.

GRÁFICO 43 - QUANTO AO USO DO COLETE – PM FERIDO



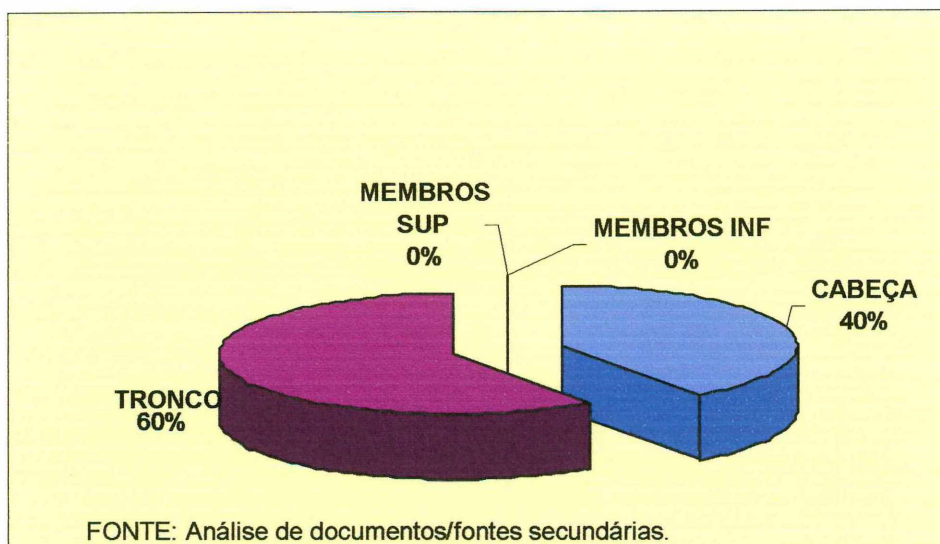
O comportamento reativo do policial é maior, fazendo uso de sua arma de fogo em 60% dos casos, demonstrando uma aceleração dos sentidos.

GRÁFICO 44 - QUANTO AO USO DA ARMA DE FOGO PELO PM FERIDO



O local onde o policial é ferido é no tronco, mas como usa colete, a mortalidade é anulada, restando o trauma fechado pelo funcionamento do colete.

GRÁFICO 45 - QUANTO À LOCALIZAÇÃO DOS FERIMENTOS NO CORPO DO PM – PM FERIDO



A arma primária agora passa a ser a Pst .40 S&W Taurus, caindo o Rv.38 Spl Taurus/Rossi para uma condição secundária com 40% dos casos. A arma de apoio passa a ser a Mtr. 40S&W Taurus.

GRÁFICO 46 - QUANTO À ARMA PRINCIPAL USADA PELO PM – PM FERIDO

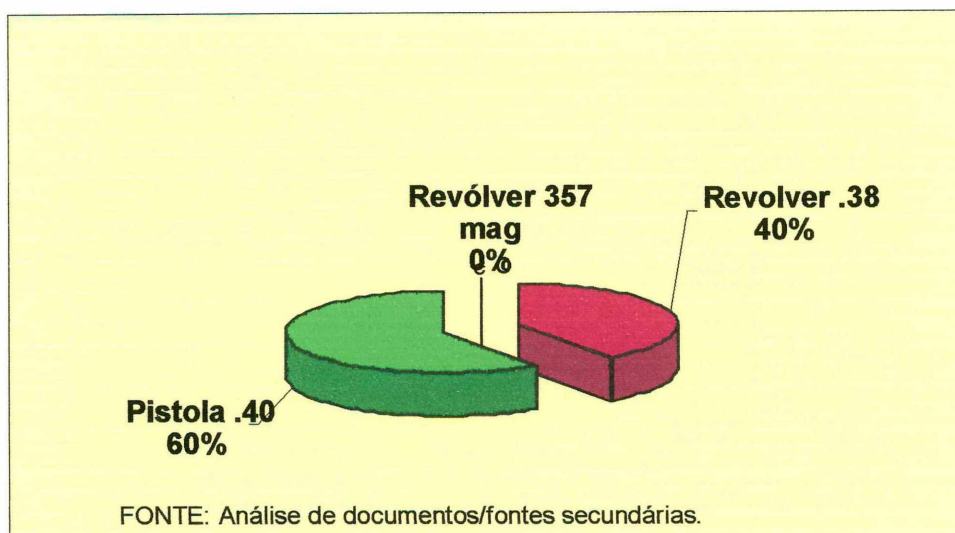
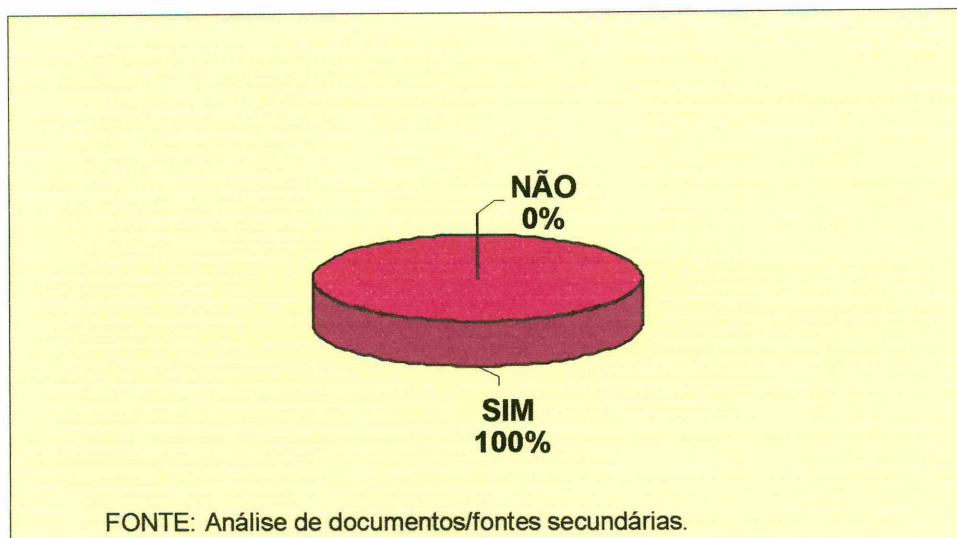


GRÁFICO 47 - QUANTO À ARMA SECUNDÁRIA UTILIZADA PELO PM – PM FERIDO



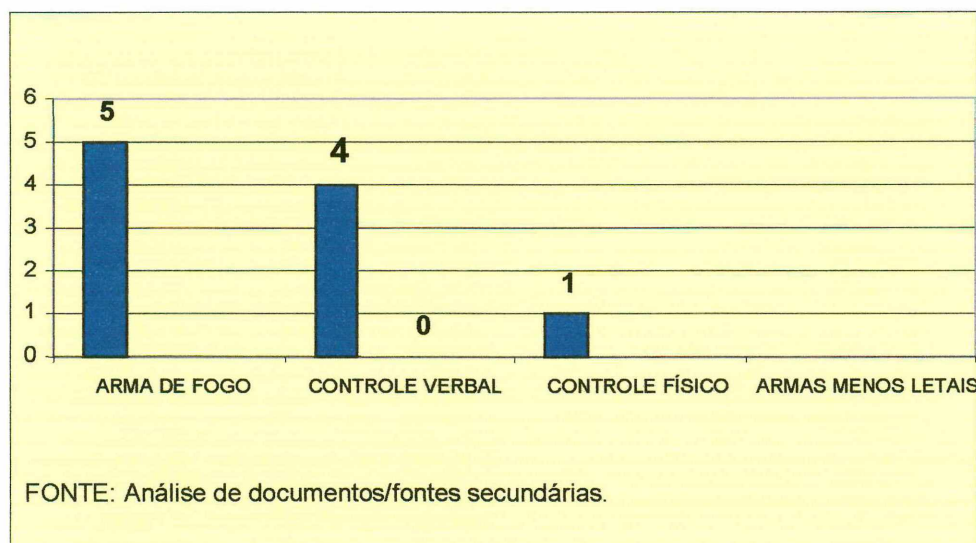
A instrução periódica era freqüentada por todos. Demonstra-se assim que os grupos especiais mantêm um elevado padrão de qualidade de instrução.

GRÁFICO 48 - QUANTO À PARTICIPAÇÃO EM INSTRUÇÃO PROGRAMADA – PM FERIDO



Outro fato relevante, que demonstra uma vantagem da instrução dos policiais do CPI, é o fato de usarem mais as técnicas de submissão física, como no gráfico abaixo.

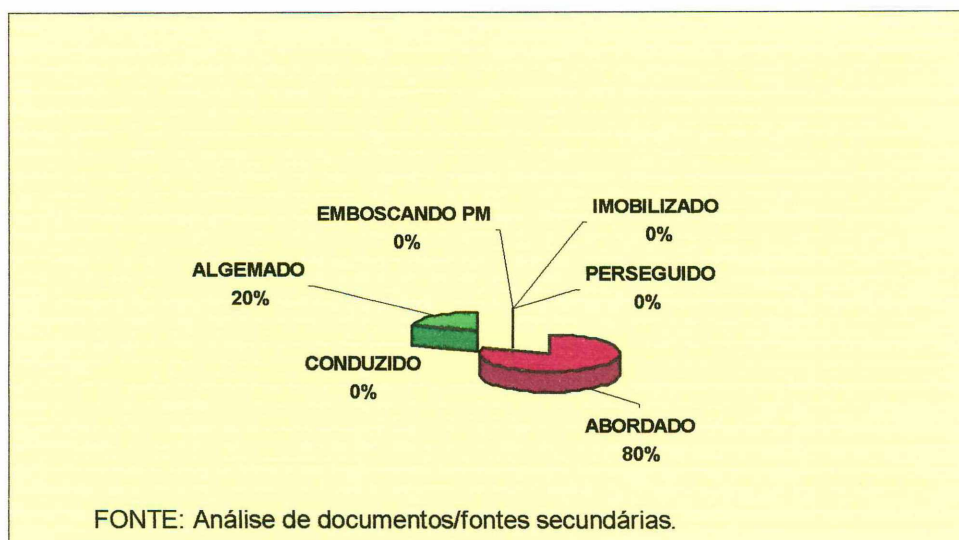
GRÁFICO 49 - QUANTO AO EMPREGO GRADATIVO DA FORÇA – PM FERIDO



5.2.2 O Cenário

A abordagem continua sendo o momento mais crítico da ação policial, participando com 80% dos casos em que o policial foi ferido.

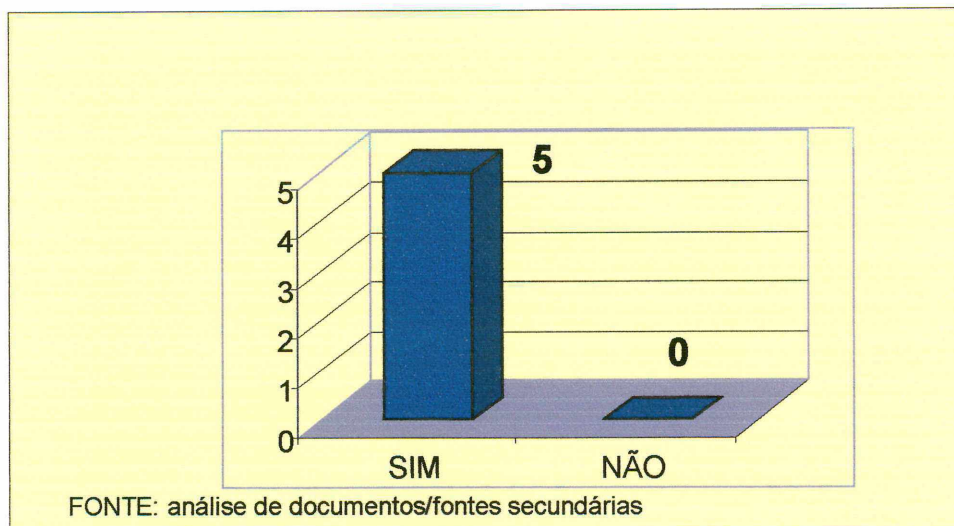
GRÁFICO 50 - QUANTO À CONDIÇÃO DO SUSPEITO - PM FERIDO



5.2.3 O Agressor

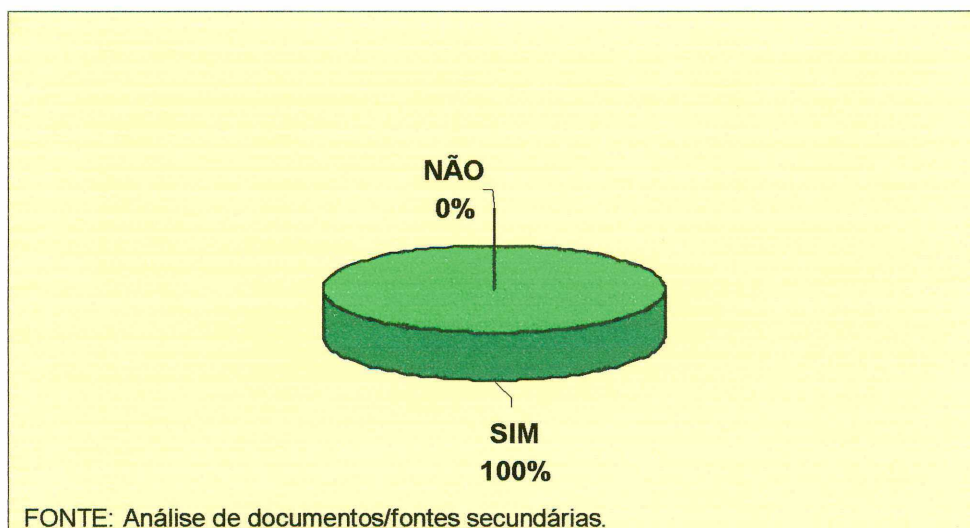
Faz-se necessário ressaltar, que o agressor de antemão manifestou sinais de comportamento agressivo, quer por falas ameaçadoras, quer por mímica intimidatória.

GRÁFICO 51 - QUANTO AOS SINAIS DE COMPORTAMENTO VIOLENTO – PM FERIDO



Com relação ainda ao agressor, três demonstravam histórico criminal, e dois não.

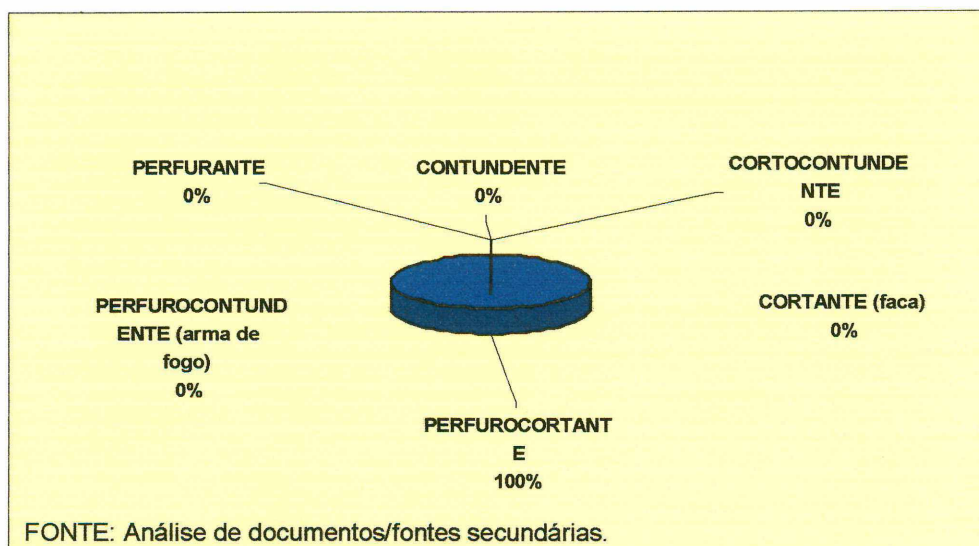
GRÁFICO 52 - EXISTÊNCIA DE HISTÓRICO CRIMINAL PELO AGRESSOR – PM FERIDO



5.2.4 A Arma

A arma que fere policial do CPI da amostragem é arma de fogo, tipo pistola ou revólver.

GRÁFICO 53 - TIPO DE ARMA EMPREGADA PELO AGRESSOR – PM FERIDO



5.2.5 O Tempo

O fator tempo apresenta-se com o ano de 2002 como o ano de maior casuística, tendo uma dispersão homogênea dos casos ao longo do período. O dia em que mais aparecem casos é a terça-feira, o horário de incidência maior é o das 14:00 as 18:00h. O tempo do confronto policial é de um a três minutos em 80% dos casos.

GRÁFICO 54 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR ANO – PM FERIDO

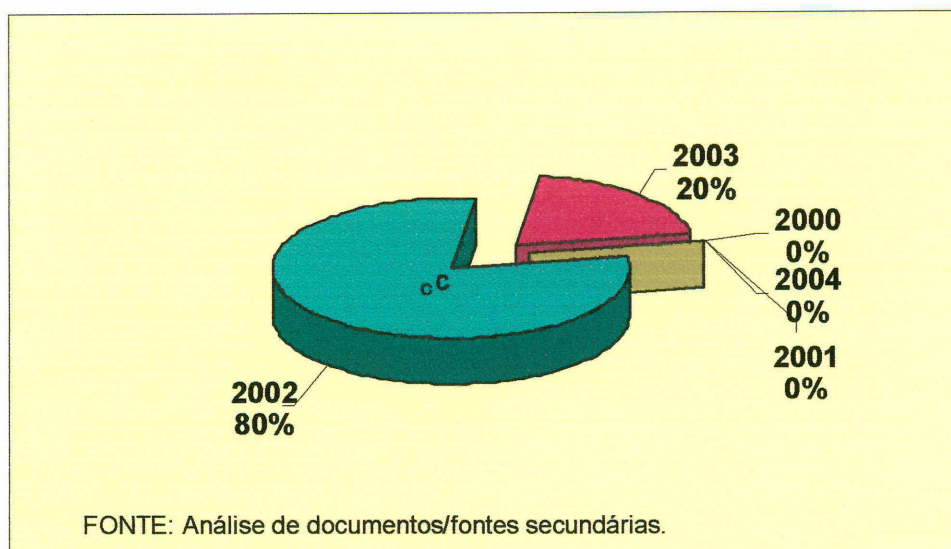


GRÁFICO 55 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR MÊS – PM FERIDO

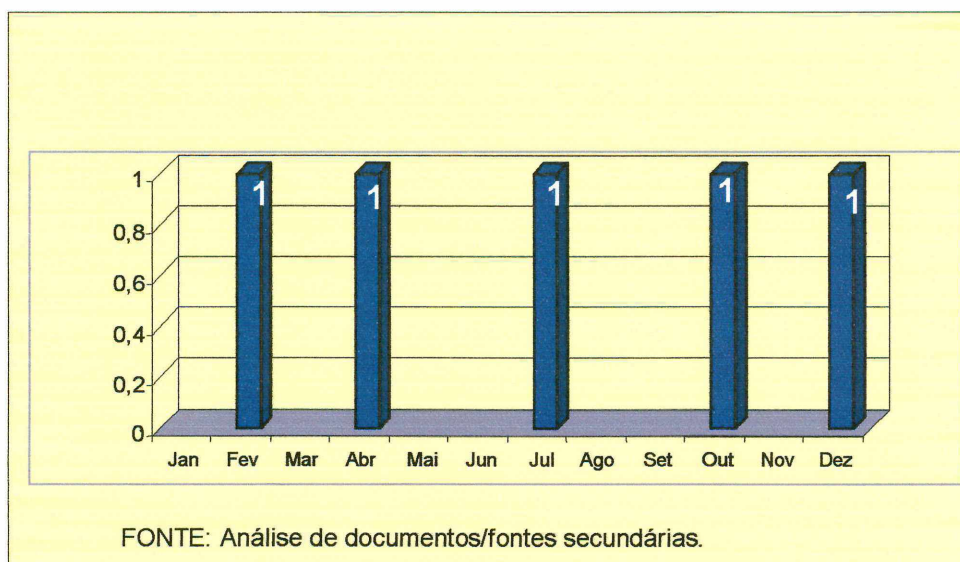


GRÁFICO 56 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR DIA – PM FERIDO

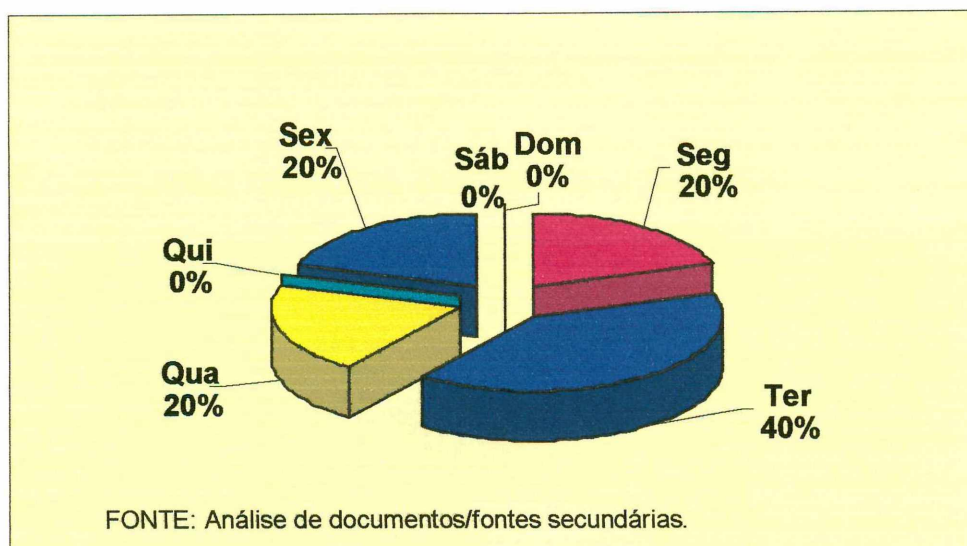


GRÁFICO 57 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS POR HORÁRIO – PM FERIDO

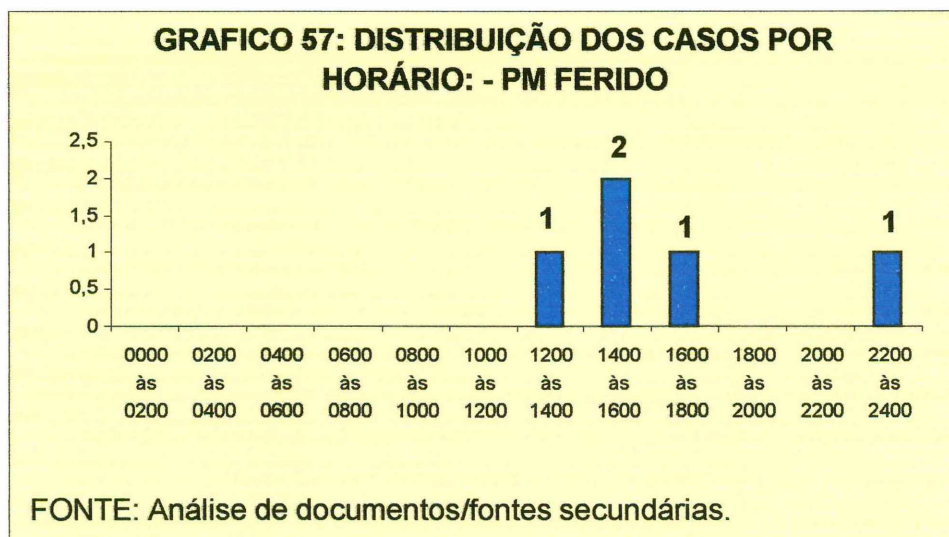
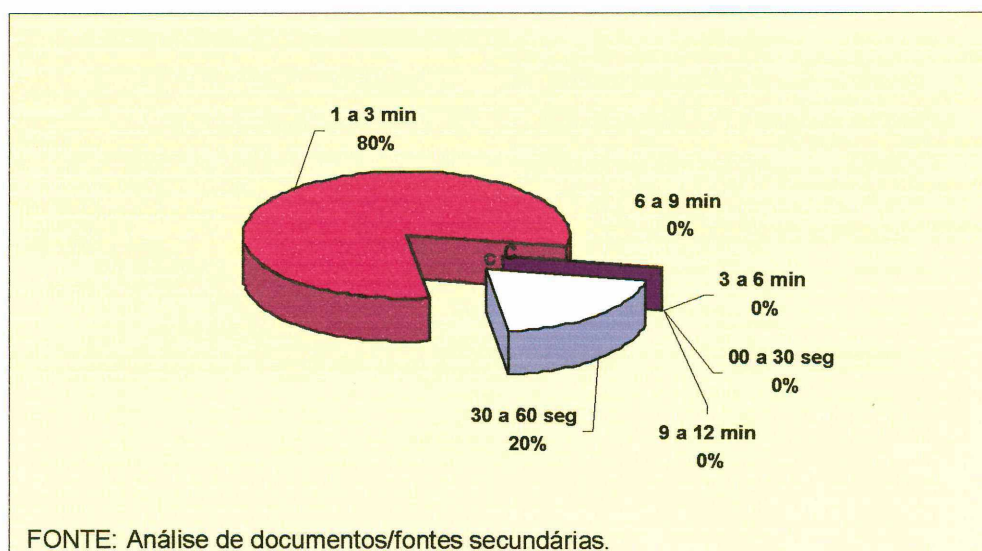


GRÁFICO 58 - LAPSO TEMPORAL DO EMBATE – PM FERIDO



6 “CAUSA MORTIS” DE POLICIAIS MORTOS EM SERVIÇO NO CPC

A visibilidade permitida pela estatística, revela que os policiais-militares operativos no CPC têm como **principal “causa mortis” o ferimento por arma de fogo** decorrente do exercício de polícia no processo motorizado e o elemento potencializador é o desuso do colete antibalístico.

A segunda causa é o politraumatismo decorrente de acidente de trânsito em atendimento de ocorrência. A causa do sinistro decorre da velocidade excessiva em trânsito urbano, falha humana com conseqüências letais. O policial em trânsito urbano quando do atendimento a ocorrências também é alvejado por disparos no interior da viatura policial.

O caso de suicídio, aponta para a manifestação da Síndrome de “*Burn out*”, decorrente do estresse profissional, não sendo facultado ao policial, métodos de escape ou alívio por parte do Estado.

7 CAUSA DE FERIMENTO ENTRE POLICIAIS EM SERVIÇO NO CPC

A causa primária de ferimentos entre policiais-militares de serviço é o ferimento por arma de fogo, durante o exercício da atividade de polícia. O momento crítico em que se manifesta a morbidade é durante a abordagem policial, Nesta fase da ação policial, a interação entre os elementos da casuística já identificados e descritos é muito rápida. A leitura destes elementos torna-se prejudicada ao policial recém-chegado ao local do crime. A causa secundária é o trauma causado pelo acidente de trânsito, decorrente da velocidade excessiva.

A ação policial onde ocorre o acidente é o deslocamento para ocorrência seguido do acompanhamento tático.

8 INFORMAÇÕES SECUNDÁRIAS PRODUZIDAS

8.1 O POLICIAL MORTO EM SERVIÇO

Na ambiência encontrada onde o policial-militar vem a ser morto em decorrência de agressão, encontramos o seguinte conhecimento periférico:

- O número de agressores do policial que veio a falecer é de dois ou mais, e estavam sendo abordados;
- Sexo do agressor é sempre masculino e sua cor branca;
- As motivações para o ato de agressão são: garantir fuga e manter o anonimato;
- Em 20% dos casos foi confirmada a presença de reféns e em 100% dos casos confirmou-se inocentes: transeuntes, curiosos, parentes, etc;
- Em todos os casos , presença de barulho e 60% dos casos aconteceram à noite;
- Todos os casos ocorreram até 10 m da VTR policial;
- Em 60% dos casos, o policial-militar foi surpreendido pela rápida escalada da violência.

8.2 O POLICIAL FERIDO EM SERVIÇO

Na ambiência encontrada em que o policial-militar vem a ser ferido em decorrência de agressão, encontramos o seguinte conhecimento periférico:

- Em três casos, os policiais tiveram suas armas arrebatadas.
- Um caso de mulher agredindo policial;
- Todos os agressores apresentaram sinais de comportamento violento;
- Metade dos agressores estavam sob efeito de narcóticos;
- Dentre os agressores, 70% deles possuíam histórico criminal;
- A faixa etária do agressor está compreendida entre 20 a 35 anos e são brancos;
- Presença de reféns em 13% dos casos e de inocentes em 31%;

- As ocorrências transcorrem em 86% dos casos à noite;
- As agressões ocorrem mais distantes da VTR;
- Em 56% dos fatos, o PM tinha conhecimento da situação de risco (fora alertado pelo COPOM ou por testemunhas).

9 MECANISMOS DE PREVENÇÃO E REAÇÃO AOS ELEMENTOS AGRESSORES PARA APLICAÇÃO INSTITUCIONAL

Identificados os elementos que compõem o quadro, mostrado o ambiente onde se desenrola a cena letal à autoridade pública, apontada a “*causa mortis*”, cabe agora, como resultado da equação do fenômeno propormos mudanças nos comportamentos que concorrem para o fato.

O primeiro ponto para análise, indica a precipitação do policial para aproximar-se da ocorrência policial ou abordar o suspeito. Isto decorre de um fator chamado preparação mental. Detectamos que a preparação mental do policial não é adequada para o tipo de experiência de risco a que irá ser submetido, mais cedo ou mais tarde. Vemos que a leitura que este policial faz sobre os diversos elementos sociais torna-se prejudicada pela velocidade que estes interagem como também pela descarga da adrenalina quando exposto ao perigo. A linguagem que os outros personagens sociais usam é rápida pelas características do momento que estão vivendo, com eclosão de sentimentos e de atos de violência entre eles. O agressor do policial expressa sua intenção de matar ou ferir através de mímica própria.

O segundo ponto a ser ressaltado refere-se ao trabalho em equipe ou dupla policial. Embora inserido nestes dois conjuntos, as técnicas policiais não estão surtindo o efeito necessário no que se refere à auto-proteção e proteção mútua. Deve-se enfatizar que o fato do policial-militar trabalhar em dupla/equipe destina-se a potencialização dos resultados. Todavia eles não estão proativos.

O terceiro ponto resultado da análise, demonstra a cultura do desuso do colete, agravado pelo fato de que há disponibilidade desse equipamento de proteção a todos os policiais que entram de serviço.

Objetivando transformar o conhecimento produzido em conhecimento sensível, capaz de produzir mudanças de comportamento no homem e na instituição propomos mudanças em duas esferas do organismo policial-militar. O primeiro nível organizacional a ser atacado é o da formação profissional do policial-militar. O segundo nível a ser alcançado é o operacional.

A formação do policial-militar é objeto de investimento qualitativo e quantitativo na PMPR de hoje. Nossos currículos são copiados e nossos instrutores

percorrem o Brasil a convite de outros órgãos de ensino policial. Para causarmos mudança de comportamento técnico-profissional, a fase da formação profissional é o momento mais oportuno para se introjetar valores, táticas e técnicas que farão diferença quando o profissional ver-se envolvido em confrontos armados. A área operacional da PMPR é a interface entre a instituição e a população paranaense, área nevrálgica para avaliação de desempenho e qualidade dos serviços.

Posto isto, propõem-se procedimentos para a redução dos riscos aqui apontados.

9.1 PROPOSTA PARA A ÁREA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Criação da Disciplina Sobrevivência Policial no currículo dos Cursos de Formação de Oficiais e Praças. Atualmente, este conhecimento é explorado nos assuntos das Unidades Didáticas dentro da Matéria de Táticas Para Confrontos Armados. Propomos a elevação dessa Unidade Didática ao status de Matéria Policial-militar com o currículo sugerido no anexo 3.

Inclusão da Matéria Sobrevivência Policial em todos os cursos desenvolvidos pela Diretoria de Ensino, com ênfase nos Cursos de Formação de Oficiais e Praças, bem como nos cursos de Atualização Profissional.

Trabalho de teleducação nas OPMs, de periodicidade regular na reciclagem dos conhecimentos da Matéria de Sobrevivência Policial, a ser desenvolvida por Equipe especialmente qualificada do próprio batalhão . O conteúdo das palestras constará dos temas abaixo:

- Ambiência da Infortunística Policial;
- Condutas proativas e reativas;
- Condicionamento mental;
- Trabalho em equipe visando à segurança mútua;
- Relatos de policiais vitimados.
- Uso de EPIs e proteções balísticas.

9.2 PROPOSTA PARA A ÁREA OPERACIONAL

Em nível operacional, a instrução periódica e de reciclagem desenvolvida pelos Batalhões deverá ser atualizada com estatística e casuística provenientes da rotina operacional do Batalhão. Entendemos que cada Batalhão possui peculiaridades referentes à fenomenologia criminal em sua área e rotinas de trabalho próprias. A vocação e a própria experiência operacional do Batalhão devem ser consideradas e repassadas aos seus operacionais. Vejamos o exemplo do Batalhão de Polícia de Trânsito, sua colaboração foi de um policial morto em acidente de trânsito, logo, a ênfase na Sobrevivência Policial aplicada ao efetivo deve ser as técnicas de direção defensiva, evasiva e acompanhamento tático. Diferentemente do 17º.BPM, cuja colaboração foi com 40% dos policiais mortos e 72% dos policiais feridos; para este Batalhão, a instrução de técnicas de emprego gradativo de força e abordagem policial devem ser priorizadas. Em assim sendo, para o policial-militar desenvolver a contento seu serviço é necessário conhecer a missão e a área de atuação; para que este mesmo policial possa sobreviver neste mesmo ambiente hostil, faz-se necessário saber como operam os agentes agressores. Um exemplo prático é o serviço de Inteligência Policial dos Batalhões PM informarem às equipes de serviço a presença de armas de grande capacidade em favelas ou áreas de patrulhamento de risco, bem como as quadrilhas operativas que detêm esse arsenal.

Considerando os ferimentos sofridos pelos policiais dentro da viatura policial, quer na fase pré-abordagem, quer durante o acompanhamento tático, indicamos o uso de película de blindagem descrita no anexo 4.

10 PROPOSTAS E SUGESTÕES PARA A REDUÇÃO DAS CONDUTAS DE RISCO NO PATRULHAMENTO OPERACIONAL NA ÁREA DE RESPONSABILIDADE DO CPC

Entendemos que o padrão de comportamento de risco do CPC em serviço foi detectado com sucesso. Sabemos, também, que a ciência policial também já dispõe de técnicas e táticas que impedem ou reduzem os riscos da atividade. De maneira pragmática e factível, propomos os seguintes procedimentos para a redução do binômio letalidade/morbidade entre os policiais operativos do CPC:

- Observância da obrigatoriedade do uso do colete antibalístico sob a farda, sob pena de punição disciplinar;
- Instrução dos motoristas PM em técnicas de direção defensiva, evasiva, anti-emboscada e para acompanhamento tático;
- Observância da limitação por determinação do CMDO do CPC da velocidade para acompanhamento tático;
- Responsabilização disciplinar do Coordenador do Policiamento da Unidade pela não-obediência dos protocolos acima;
- Programa de teleeducação nas OPMs : 12, 13, 17 BPM, RPMon, BPGd, BPTran e Cia P Chq, conforme o item 9.1;
- Uso do fiel retrátil para garantir uma retenção maior da arma, enquanto o coldre Nível III não está disponível.

11 CONCLUSÃO

Ao exaurir o lume da produção científica, começa a brilhar a síntese. Após definida e estudada a situação problema, faz-se urgente estabelecer conclusões. O mundo moderno, tão prático e instantâneo, acostumou-se a ir direto às conclusões, deixando de lado a beleza da investigação metodológica.

Tão importante quanto chegar ao destino, é lembrar das paisagens e estradas por onde andamos. É reconhecer os instrumentos e ferramentas que usamos para desbastar a pedra bruta do conhecimento. É dominar a técnica, a habilidade.

O destino é onde largamos nosso fardo. A obra concluída deve ser entregue no prazo ao mecenas.

Na torrente de conhecimento produzida pela leitura, estudo, tabulação, produção estatística, entrevistas, começa a se depositar no fundo, algumas pepitas cujo brilho queremos ressaltar.

A primeira delas tem a ver com as causas da infortunística policial. O presente trabalho técnico-científico propõe-se a demonstrar que a estrutura do Sistema Policial colabora para a exposição do agente policial aos elementos agressores. Isto se opera quando o Estado não contrata policiais suficientes para o patrulhamento quantitativo e conseqüentemente qualitativo. Este mesmo Estado, através da administração policial emprega o policial em desproporção à sua área de responsabilidade e concentração populacional. Estas são as causas estruturais, pois decorrem da superestrutura de que se compõe a Secretaria de Segurança Pública.

Na atividade-fim, o policial morre ou é ferido em decorrência de sua operacionalidade. A operacionalidade é manifestada pela formação técnico-profissional e pelo "*modus operandi*" do agente da Lei.

A formação técnico-profissional colabora ao não aquinhoar o policial em treinamento com tática em dupla ou equipe, em que segurança mútua seja enfatizada. Também é apontado por não incluir técnicas de retenção de armas e emprego gradativo de força, principalmente táticas de imobilização, uso do gás pimenta e armas menos letais.

O *modus operandi* que se encerra na técnica policial, profundamente submetido ao caráter subjetivo, é responsável pela conduta negligente de não usar o colete, fato já observado em estudo de referência. Se for o comportamento a ser submetido a julgamento, lembremos também que a leitura que o policial faz sobre o "*force continuum*" (emprego progressivo da força) é prejudicado pelo estresse de combate.

Que este trabalho de proposta tão singela, seja uma voz a clamar no deserto, alertando a esta classe policial que quando se erra, paga-se com a vida ou verte-se sangue.

Se apenas um policial ao ler esta monografia ou receber as informações extraídas daqui por terceiros, mudar sua "*facultas agendi*", já se logrou o êxito desejado muito além da aprovação pela banca examinador. Nada é mais caro que a vida.

GLOSSÁRIO

Academia Policial-militar do Guatupê: Centro de Ensino Policial-militar De Nível Superior

Acompanhamento Tático: técnica policial de perseguição de veículos em fuga

Abordagem Policial: procedimento policial de aproximar-se de pessoa, veículo ou edificação

Ambiência: condições ou elementos constitutivos do ambiente favorável ao aparecimento de um fenômeno

Arma menos letal ou não letal: pela nova técnica policial, armas que não matam o suspeito, agem apenas imobilizando-o

“*Causa mortis*”: motivo da morte

Casuística: reunião de casos em determinado lugar e período

CPC: Comando do Policiamento da Capital

CPI: Comando do Policiamento do Interior

Colete Antibalístico: vestimenta tipo colete torácico capaz de deter determinados tipos de projéteis

Departamento de Técnica Policial: divisão dentro da Academia Policial-militar do Guatupê

Diretoria de Ensino: diretoria responsável pelo planejamento, orientação e controle do ensino na PMPR

Emprego Gradativo de Força: técnica defendida pela ONU, descrita no código de conduta para os funcionários responsáveis pela aplicação da lei: assembléia das nações unidas

Infortunistica: estudo dos acidentes das classes profissionais

Letalidade: capacidade de matar

Medicina Legal: ciência médica cujo objetivo é instrumentalizar a justiça

Método Lindell: método de retenção de armas

Morbidade: capacidade de ferir ou lesionar

Patrulhamento de Alto Risco: patrulhamento realizado em áreas onde o crime organizado dispõe de poder de fogo igual ou superior ao da equipe policial

Policciamento Ostensivo Geral: policiamento reconhecido pela presença policial

Radiopatrulhamento: técnica de patrulhamento;

Sobrevivência Policial: disciplina do currículo de algumas polícias dos EUA

Síndrome de *Bourn Out*: doença psicossomática decorrente do estresse

Tática Policial: arte de planejar, dispor e empregar a força policial

Táticas para Confrontos Armados:

Técnica Policial: “*know how*” de polícia

REFERÊNCIAS

COMBAT HANDGUNS. September, 2001.

COMBAT HANDGUNS. September, 1999.

DESGUALDO, A. **Crimes contra a vida**. Reconhecimento visuográfica e a lógica na investigação. São Paulo: Academia de Polícia Civil de São Paulo, 2000.

FRANCO, P. R. P. **Técnicas policiais: uma questão de segurança**. Porto Alegre: Santa Rita, 2002.

GONÇALVES, H. de A. **Manual de monografia, dissertação e tese**. São Paulo: Avercamp, 2004.

GROCE, D. **Manual de medicina legal**. São Paulo: Saraiva, 1994.

HANDGUNS GUNS FOR CLOSE-QUARTERS DEFENSE. February, 1997.

ROCHA, L. C. **Investigação policial: teoria e prática**. São Paulo: Saraiva, 1998.

SUPERINTERESSANTE, novembro 2004.

VALLA, Wilson Odirley. **Doutrina de emprego de polícia militar e bombeiro militar**. Curitiba: Associação da Vila Militar, 1999.

ANEXOS

ANEXO 1 - TABELA DE TEMAS

POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ
DIRETORIA DE ENSINO
ACADEMIA POLICIAL-MILITAR DO GUATUPÊ
CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
LETALIDADE E MORBIDADE ENTRE POLICIAIS DE SERVIÇO NO CPC NO
PERÍODO DE 2000 a 2004
ANÁLISE DE DOCUMENTOS
FONTES SECUNDÁRIAS
TABELA DE TEMAS

REFERÊNCIA : INFORTUNÍSTICA PM

POLICIAL MORTO: POLICIAL FERIDO

OPM:

CIA P CHQ RPMON BPGD 12 BPM 13 BPM 17 BPM

IPM nº.: _____ SINDICÂNCIA nº.: _____

ENCARREGADO: _____

1. O POLICIAL

1.1 PM vitimado:

1.2 Idade:.....Sexo:.....Posto/grad:.....

1.3 Tempo de serviço:.....Usava colete: sim não

1.4 O PM vitimado fez uso da arma de fogo em autodefesa?

sim não Quantos disparos?.....

1.5 O PM foi ferido:

cabeça tronco membros superiores membros inferiores

1.6 O PM vitimado acertou algum disparo em seu alçoz?

sim não quantos disparos acertou?.....onde:.....

1.7 O PM usou a mão forte para atirar?

sim não

1.8 O PM atirou usando :

- visada
- pontaria instintiva

1.9 O PM recarregou?

sim não quantas vezes:.....

1.10 O PM teve a arma arrebatada

sim não

1.11 O PM foi morto pela sua própria arma?

sim não

1.12 Qual a arma primária que o PM utilizava :

- revólver .38 Spl revólver 357 Magnum pistola 9mm pistola .40 S&W
- carabina .38 Spl carabina 357 Magnum espingarda gauge 12 CBC
- mtr 9mm TAURUS mtr .40 FAMA E carabina .40 FAMA E

1.13 Qual a arma secundária:

- revólver .38 Spl revólver 357 Magnum pistola 9mm pistola .40 S&W
- carabina .38 Spl carabina 357 Magnum espingarda gauge 12 CBC
- mtr 9mm TAURUS mtr .40 FAMA E carabina .40 FAMA E não usava

1.14 O PM estava de apto para o uso do armamento por ele utilizado?

sim não

1.15 O PM estava participando de instrução policial periódica?

sim não

1.16 Qual a técnica de controle usada pelo policial (em seqüência):

- () Controle verbal;
- () Controle físico;
- () Controle com armas menos letais;
- () Controle com arma de fogo.

2. O AGRESSOR

2.1 Número de agressores:

- um dois três quatro cinco mais de cinco

2.2 Sexo do agressor:

- masc fem

2.3 O agressor estava:

- sendo abordado
 sendo algemado
 sendo imobilizado
 sendo conduzido
 emboscando o PM

2.4 O agressor apresentou os sinais iniciais de comportamento agressivo?

- sim não

2.5 O agressor estava sob efeito de tóxicos?

- sim não

2.6 O agressor possuía histórico criminal?

- sim não

2.7 Qual a motivação do agressor?

- garantir a fuga;
 garantir o anonimato;
 Outro:.....

2.8 Qual o peso aproximado do agressor?

- 40 a 50 Kg 50 a 60 Kg 60 a 70 Kg mais de 100Kg
 70 a 80 Kg 80 a 90 Kg 90 a 100 Kg

2.9 Qual a faixa etária?

- 15 a 20 anos 20 a 25 anos 25 a 30 anos 30 a 35 anos
 35 a 40 anos 40 a 45 anos 45 a 50 anos mais de 50 anos

2.10 Qual a altura?

- 1,5 a 1,7m
 1,7 a 1,9m
 1,9 a 2,1m

2.11 Qual a raça do agressor?

- Branco
- Negro
- Pardo
- Índio
- Amarelo

3. O CENÁRIO OPERACIONAL**3.1 Tipo de policiamento ostensivo onde aconteceu o fato:**

- Rodoviário Trânsito Geral Florestal/Manancial Guarda
- Outros (Op. Especiais) Outros (Pol Velado)

3.2 Processo de policiamento ostensivo:

- a pé motorizado em embarcação em bicicleta aéreo montado

3.3 Presença de reféns?

- sim não

3.4 Tipo de ambiente:

- urbano rural

3.5 Ocorrência inicial repassada pelo COPOM:

Código:.....Descrição:

3.6 Presença de estímulos sonoros (barulhos ou ruídos)?

- sim não

3.7 Presença de terceiros (transeuntes ou inocentes)?

- sim não

3.8 Quanto ao fator surpresa:

- o PM tinha prévio conhecimento sobre a situação de risco
- o PM foi envolvido pela rápida escalda da violência
- o PM considerava como ocorrência de rotina

3.9 Qual a distância entre o PM e o agressor:

- 0 a 2 m 2 a 4 m 4 a 6 m 6 a 8 m
- 8 a 10 m 10 a 12 m 12 a 14 m 14 a 16 m mais de 16 m

3.10 Quanto ao ambiente urbano :

- interno externo

3.11 Quanto ao ambiente interno, próximo de:

- porta janela corredor escada telhado

3.12 O PM estava:

- sozinho em dupla em equipe com outros não PMs

3.13 Quanto à luminosidade:

- dia noite amanhecer anoitecer baixa luminosidade

3.14 O PM usava lanterna:

- sim não

3.15 Quanto ao tipo de via:

- via urbana via rural via interna

3.16 Quanto ao tipo de piso:

- asfalto paralelepípedo terra saibro anti-pó

3.17 Quanto à proximidade da VTR PM:

- dentro da VTR ao lado da VTR até 5m da VTR até 10m da VTR

3.18 O PM vitimado estava abrigado?

- não sim poste muro árvore vtr outro:

3.19 Quanto ao ambiente rural:

- Mata densa Mata ciliar Bosque Campo Pântano

3.20 O PM solicitou apoio quando em perigo?

- sim não

3.21 Como o PM pediu apoio?

- verbalmente por rádio por celular outro meio de comunicação

4. A ARMA

4.1 Tipo de arma empregada pelo agressor

- Instrumento cortante(faca)
 Instrumento contundente
 Instrumento cortocontundente
 Instrumento perfurante
 Instrumento perfurocortante
 Instrumento perfurocontundente(arma de fogo)

4.2 Quanto a procedência da arma :

- lícita ilícita

4.3 Quanto ao número de disparos:

1 2 3 4 5 6 mais de 6

4.4 Quanto ao tipo de munição utilizada:

ogival semi-jaquetada jaquetada ponta-oca silver-tip hidra-shock

5. O TEMPO**5.1 Lapso temporal do embate:**

00 a 30 seg 30 a 60 s 1 a 3 min 3 a 6 min 6 a 9 min 9 a 12 min

5.2 Quanto ao horário:

0000 as 0200 0200 as 0400 0400 as 0600 0600 as 0800

0800 as 1000 1000 as 1200 1200 as 1400 1600 as 1800

2000 as 2200 2200 as 2400

5.3 Dia da semana:

Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sab

5.4 Mês do fato:

JAN FEV MAR ABR MAI JUN

JUL AGO SET OUT NOV DEZ

5.5 Ano:

2000 2001 2002 2003 2004

6. FATO OBSERVADO DE DESTAQUE:

ANEXO 2 - MATÉRIA SOBRE OODA

TO BEWARE BE AWARE

Two proven awareness systems & how they work

By RALF MROZ

Tradução

PARA SER CAUTELOSO, TENHA PRECAUÇÃO

Dois comprovados sistemas de alerta e seu funcionamento

O CÓDIGO DE CORES

Muitos dos leitores estão acostumados com o sistema de cores para classificar as condições de alerta e desdobramento do combate. O sistema de cores é fácil de entender, e pode ser usado para emprego próprio como também no ensino de outras pessoas. Porém isto implica em uma série de versões sobre o mesmo assunto e cada vez que eu leio, o sistema está mudado. Deixe-me apresentar o sistema na forma indicada para defesa pessoal.

O sistema de cores foi apresentado para mim pelo Sr. MASSAD AYOOB quando da realização de curso na escola LETHAL FORCE INSTITUTE há muitos anos atrás. O instrutor explicou que se tratava do mesmo código de cores utilizado pelo militares, exceto no significado das cores vermelhas e pretas quando combinadas; quando em situação de combate militar (guerra) na condição de você ter seu inimigo enquadrado no aparelho de pontaria. Para uso civil, quer em situação letal, quer não letal, os cinco estágios fazem mais sentido. Aqui segue por quê e o que elas significam:

BRANCO: na condição branca, você está completamente despreocupado em relação ao meio onde se encontra. Você está na condição BRANCA se você está andando em uma rua e começa a seguir alguém ou está sendo seguido, sem estar cômico desta presença. Esta é a condição em que normalmente vivemos na maioria do tempo. A maior parte das pessoas nunca estão ligadas ao que está acontecendo em derredor – fato este que as torna vítimas potenciais. É um estado profundamente

intimista, é como se você estivesse andando dormindo, envolvido em algum pensamento ou condição análoga. É claro que quando estamos lendo e ou concentrados em alguma atividade, estamos em condição BRANCA, tão distante que estamos da realidade que nos cerca, no mínimo temporariamente. Todavia nós podemos treinar nossa mente a quebrar a condição BRANCA de tempos em tempos. Sem falar que na condição BRANCA, nós estamos em severa desvantagem tanto quanto sem auto-proteção.

AMARELA: a condição amarela equivale ao estado alerta relaxado. Aqui sua pressão sanguínea permanece inalterada e sua atenção também, independente da condição do ambiente. A situação de estar andando na rua de sua casa ilustra bem. Nós estamos na condição AMARELA quando estamos dirigindo e prestamos atenção no trânsito de outros veículos em nossa volta. Verificou-se que uma pessoa pode passar todo seu estado de vigília na Condição Amarela e não sofrer nenhum efeito doentio. Isto, todavia exige considerado treinamento e disciplina pessoal para permanecer nesta condição. A tendência natural é voltar à condição BRANCA. Na condição AMARELA nós conseguimos perceber pequenos sinais de perigo, e este é o estado que deveríamos permanecer tanto quanto possível.

LARANJA: este é o estado quando alguma coisa está errada. Talvez você tenha percebido quando três moços de repente apareceram na sua frente. Ou no trânsito você perceba que o veículo de trás está te seguindo a tempo. Ou verifique que ao entrar em casa ela não está tão quieta quanto deveria estar. Alguma coisa está errada e você não conseguiu identificar. Condição LARANJA é quando você percebe algo errado, e você começa agir cautelosamente e planejar uma ação deliberadamente.

VERMELHO: na condição vermelha você já identificou alguma coisa errada e sabe o que é. Com relação às situações anteriores: os três suspeitos estão cercando você, o carro está definitivamente seguindo-o e alguém invadiu sua casa. Aqui você começa a executar seu programa de auto-defesa. Você pode correr para um local seguro, executar uma manobra evasiva, dar comandos verbais, selecionando e executando a tática mais adequada, mesmo que haja a presença de uma arma na cena. Estas são as situações nas quais você deve focar seu treinamento, é aqui que as táticas e técnicas trabalham juntas. Se nós e nossas

táticas somos efetivos, nós podemos parar a agressão. Nós preferimos isto para não entrar na condição PRETA.

A PRETA é a condição do combate em andamento – é lutar pela sua vida. Nós não queremos lutar, porém é inevitável. Aqui sua preparação e suas armas são os elementos diferenciais.

Se você consegue distinguir a diferença entre a condição VERMELHA e a PRETA, e porque a distinção é importante para o uso civil. Conhecendo que as etapas de um embate são medidos em fração de segundos, dita a vantagem da surpresa, que pode ser usada tanto a seu favor como contra você. Esta é a razão pela qual todos os bons instrutores permanecem sempre na condição AMARELA. Quando você se prepara para o combate, ou percebe que esta condição será inevitável, as técnicas somadas ao armamento irão dar garantias de vitória para você. Você pode perceber agora porque gastamos mais tempo treinando estas técnicas do que as técnicas de combate propriamente ditas?

O CICLO OODA

Melhores pensadores que eu perceberam que os encontros armados são competições cronometradas. Coronel JOHN BOYD'S foi o idealizador do paradigma OODA e este talvez seja o refinamento mais elegante e prático desta visão básica. OODA significa OBSERVAR, ORIENTAR, DECIDIR E AGIR. Estas ações são básicas em uma ação de combate – qualquer combate. Você deve primeiramente observar, (observar a ameaça), o perigo emergente. Você deve se orientar tendo como referência o perigo, então decidir o que fazer, quando e onde. Você deve decidir o momento ou fazer a oportunidade. E por último agir. Seu adversário irá pensar e fazer da mesma maneira. Ele irá tentar interceptar ou interferir em seu ciclo OODA, para que a vantagem em qualquer fase passe a ser dele. É por isso que ensinamos você a entrar no ciclo OODA dos seus inimigos.

Agora, compare o ciclo OODA com o código de cores da tabela abaixo (segue abaixo minha interpretação)

BRANCA	AMARELA	LARANJA	VERMELHA	PRETA
Atento aos Arredores	Relaxado e Alerta	Percebendo Sinal de Perigo	Identificando o Perigo e Agindo Apropriadamente	Combate
OBSERVAR		ORIENTAR	DECIDIR	AGIR

Nós podemos observar que os dois conceitos são correlatos. A condição AMARELA corresponde muito próxima a OBSERVAR, LARANJA equivale a ORIENTAR, a VERMELHA a DECIDIR e a PRETA a AGIR. Estes modelos não correspondem a uma correlação exata. Porém a progressão da preparação mental e ações dela derivados são muito semelhantes. Uma vez que os dois postulados sobreviveram ao teste do tempo, não é surpresa a similaridade. Então, a lição apresentada apresenta uma clareza dupla: você não pode esperar Observar uma ameaça ou uma oportunidade se você está na condição BRANCA – VOCÊ deve, no mínimo, permanecer na condição AMARELA para ter chance de contra-medida. Se você falhar ao observar a ameaça, seu oponente irá abrir uma diferença no espaço-tempo que concorrerá contra você. Todavia, estando na condição AMARELA, estando em condições de observar a ameaça – este é o pré-requisito para ter alguma chance de prevalecer em um combate.

IMPLICAÇÕES PARA O TREINAMENTO

Aqui estão três implicações sobre confrontos interpessoais de natureza não militar:

1. A distância de combate é de aproximadamente três metros;
2. O sucesso das táticas é mensurado em frações de segundos;
3. Estar alerta, esperando uma ameaça é de importância crítica para responder em tempo hábil uma agressão.

Para a afirmação número um, existem dois pontos chaves: primeiro é que preferencialmente já esteja com a arma na mão se você vai para uma situação de perigo; segundo, se você está com sua arma em condições, a precisão não será um problema. O treinamento realístico tem sido negligenciado, posto que não se pratica o confronto armado conforme a vida real. Por quê? Simplesmente porque as pessoas não praticam sob estresse nas condições de distância em cenários realísticos.

A implicação do ponto dois é: a velocidade é fundamental! Não somente velocidade, mas técnicas efetivas que são maximizadas com velocidade. Um tiro perdido ou um soco fraco irão ter um pequeno e impotente impacto. A lição é: técnica, técnica, técnica. Faça de técnicas poderosas uma execução condicionada. Não é difícil de conseguir, basta o “esforço adequado”. Vemos as pessoas treinando precisão com suas pistolas a 25 metros, sendo que é bem mais produtivo gastar o mesmo tempo com técnicas e manobras de saque rápido e visada rápida.

A implicação do ponto três é talvez a mais importante. Você não pode combater aquilo que você não pode observar chegando. Desenvolva a capacidade de alerta... viva em condição proativa... Seja desconfiado. Não é nada sexy, mas funciona. É a capacidade de resolver a situação. Não requer equipamento. Não existem competições ou fraternidades devotadas a isso. Ninguém vê você realizando isso ou o cumprimenta por tê-lo realizado. Não existem escolas nem camisetas promocionais. Isto é uma coisa entre você e sua autodisciplina. Existem bem poucas pessoas que funcionam assim. Pense longa e demoradamente sobre estas técnicas. Se você soubesse como é a face da morte ou tivesse a varinha mágica para prolongar sua vida, qual lhe seria mais útil? Qual você escolheria?

ANEXO 3 - PLAMA SOBREVIVÊNCIA POLICIAL

Sr. INSTRUTOR

- Informamos que em virtude da CH de sua disciplina, V.Sa. deverá aplicar 01 (uma) VC.

- Maiores esclarecimentos poderão ser obtidos na Seção Técnica de Ensino.

POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ

DIRETORIA DE ENSINO

ACADEMIA POLICIAL-MILITAR DO GUATUPÊ

DEPARTAMENTO DE ENSINO DE SOBREVIVÊNCIA POLICIAL

CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS POLICIAIS-MILITARES

CFO PM - 3º ANO

SOBREVIVÊNCIA POLICIAL – 16 horas/aula

Atualizado em Outubro de 2004 pelo Cap QOPM PÉRICLES DE MATOS

PLANO DE MATÉRIA

1. OBJETIVOS PARTICULARES

- a. Compreender ambiência dos confrontos armados: o policial, o agressor, a arma e o tempo.
- b. Identificar as condutas de risco do policial-militar.
- c. Executar as contra-medidas para a neutralização dos agentes agressores.

2. UNIDADES DIDÁTICAS

UNIDADE I - A AMBIÊNCIA DA INFORTUNÍSTICA POLICIAL-MILITAR		CARGA HORÁRIA: 3 horas		
ASSUNTOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	Nº de Sessões	Processo de Ensino	Meios Auxiliares
O POLICIAL-MILITAR	-Identificar os padrões do policial vítima de violência: idade, a área do corpo atingida, tempo de serviço, a leitura da ocorrência, função na equipe, atividade PM de risco, o tipo de policiamento;	1	P	Apostila, transparências, mídia, fotos e vídeos.
O AGRESSOR	- Identificar os padrões do agressor do policial: idade, sexo, cor, motivação, atitudes que demonstram a intenção de agredir ou matar;	1		
O CENÁRIO OPERACIONAL	- Identificar os padrões do cenário operacional: o local urbano ou rural, a luminosidade, a presença de reféns, a presença de terceiros, os sons locais, a velocidade do confronto armado;	1	D	

A ARMA	Identificar os padrões das armas utilizadas pelo policial: o tipo de arma, o tipo de munição, a quantidade de disparos, o tempo dos disparos;	1		
O TEMPO	Identificar os padrões de tempo em que se desenvolve o ato agressivo: o horário, o dia, o mês e a duração dos embates	1		
AS CONDUITAS DE RISCO	- A abordagem policial e seus erros de procedimento: lentidão, ação desencontrada, <input type="checkbox"/> escomando, inferioridade numérica; - O acompanhamento tático em alta velocidade em vias urbanas. - O desuso do colete; - a falta de proteção recíproca na dupla e equipe;	1		
INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS: - A UD deverá ser apresentada de forma expositiva com demonstrações práticas				

UNIDADE II - CONTRA MEDIDAS DE SOBREVIVÊNCIA		CARGA HORÁRIA: 14 horas		
ASSUNTOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	Nº de Sessões	Processo de Ensino	Meios Auxiliares
1. TÉCNICAS DE APROXIMAÇÃO DO LOCAL DE RISCO A PÉ E EM VTR	- Técnica de progressão no trânsito urbano com viatura; - O acompanhamento tático; - Técnicas de progressão a pé em dupla e em equipe no ambiente urbano; - O uso de cobertas e abrigos. - O uso da viatura como proteção balística;	2	P D EI	Coldres. Armamento.

2. TÉCNICAS DE IDENTIFICAÇÃO DE SINAIS COMPORTAMENTAIS DE AGRESSIVIDADE.	- Identificar os sinais precursores de agressividade: a mão em faca, dedo em riste, impropérios verbais e mão sobre a boca;	1	P D	
3 TÉCNICA DO OODA PARA CONDICIONAMENTO MENTAL	- Identificação dos elementos do OODA loop: OBSERVAR, ORIENTAR, DECIDIR E AGIR - Identificar o código de cores de alerta para o combate de JEFF COOPER: VERDED, AMARELA, LARANJA, VERMELHA E PRETA;	1	P D	
4. EXERCÍCIOS EM CENÁRIOS INTERATIVOS	- Aplicar as táticas relativas a aproximação em locais de confronto. - Utilizar Casa de Pneus, com cenários interativos e com o uso de "red guns";	5	P D EI	
5. SELEÇÃO, DISPOSIÇÃO E RETENÇÃO DE EQUIPAMENTO	- A seleção de equipamento para os diversos ambientes operacionais; - O coldre, o cinturão, o bastão(tonfa ou ASP), a lanterna, os porta carregadores, o porta algema com algema, o canivete tático, algemas descartáveis, luvas descartáveis; - A disposição do equipamento no cinturão policial; - A posse e e retenção.	1		
6. AS CAUSAS DE MORTE E FERIMENTO ENTRE POLICIAIS DE SERVIÇO	- As causas estruturais: a desproporção entre policial e população e policial e número de ocorrências; - O patrulhamento de alto risco: o ambiente hostil, as quadrilhas e o narcotráfico; - As causas pessoais: a imperícia no emprego de armamento e equipamento, a negligência do uso de colete e a imprudência na direção em alta velocidade;			

3. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

PROCESSO DE AVALIAÇÃO	INSTRUMENTOS DE MEDIDA		UD AVALIADAS
	TIPOS DE PROVA	TEMPO DESTINADO	
VERIFICAÇÃO CORRENTE ÚNICA	PROVA ESCRITA e/ou PRÁTICA (Simulador)	2 H	I, II,

4. BIBLIOGRAFIA

a. Livro(s) Texto (s):

- AYOOB, Massad F., "STRESS I e II".
- SANTOS, Iranil e Itamar, "PORTE ENCOBERTO" (artigo escrito na revista "HUNTER" nº 9).
- SANTOS, Iranil e Itamar, "CONFRONTO NOTURNO" (artigo escrito na revista "HUNTER" nº 10).
- ADAMS, J. Ronald d. MCTERNAM, M. Thomas; REMSBERG Charles, "STREET SURVIVAL".
- REMSBERG, S. Gerald, "TO PROTECT & DEFEND".
- FARNAM, John, "THE STREET SMART GUN BOOK".
- LINDELL, Jim, "HANDGUN RETENTION TECHNIQUES".
- LICHTENSTEIN, Kobi, "KRAV MAGA".

b. Bibliografia recomendada aos docentes:

Os livros textos.

c. Bibliografia recomenda aos discentes:

Os livros textos.

Notas de aula que forem distribuídas pelo instrutor.

d. Outros documentos que devam ser consultados:

- Demais publicações a respeito dos assuntos abordados.